

ALIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • MAIO DE 1993



A LIAHONA

MAIO DE 1993



Na capa:

Desde a restauração do sacerdócio em 1829, um exército crescente de homens e jovens tomaram a estrada sagrada do sacerdócio. Vide "Somente pelo Princípio da Retidão", do Presidente Gordon B. Hinckley, página 20. (Foto da capa de Eldon K. Linschoten. Pintura da Quarta Capa, Pedro, Tiago e João Ordenando Joseph Smith e Oliver, de Minerva Teichert.)

Capa da Seção Infantil:

Alexandra Marina Ferreira Calado, de Parede, Portugal, é destaque em "Fazer Amigos", página 12. (Fotografia de Julie Wardell.)

DESTAQUES

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: MADRUGADA DE DESESPERO—MANHÃ DE ALEGRIA PRESIDENTE THOMAS S. MONSON	2
COMO SE AVALIA UM MILAGRE LOIS LAMB REEDER	8
MEU MELHOR PRESENTE DE ANIVERSÁRIO TAKAMI IWASAKI MASUKO	13
SOMENTE PELO PRINCÍPIO DA RETIDÃO PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY	20
UMA ORAÇÃO NO ESTACIONAMENTO	24
LORENZO SNOW: AS DECISÕES DE UM JOVEM ARTHUR R. BASSETT	26
DAS MÃOS E DO CORAÇÃO MARJORIE DRAPER CONDER	34
OS SANTOS DA TAILÂNDIA DAVID MITCHELL	40

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

A CASA QUE OS GÊMEOS CONSTRUÍRAM RICHARD M. ROMNEY	10
UM PAPEL DE ESTRELA DIANE HOFFMAN	16
DAVY, O CAMPEÃO QUE NÃO CORREU SUSAN E. TANNER	18
MENSAGEM MÓRMON: FÉ SEM OBRAS	33
ELE SE TORNOU REAL MORGAN D. WESTERMAN	46

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS	1
MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: A EDIFICAÇÃO DO REINO DE DEUS	25

SEÇÃO INFANTIL

HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON: AMON, O GRANDE SERVO	2, 14
O TALENTO DE SHELLY DEBRA HADFIELD	4
SÓ PARA DIVERTIR	7
TEMPO DE COMPARTILHAR: O TEMPLO É UM LOCAL DE REVELAÇÃO	8
DE UM AMIGO PARA OUTRO: ÉLDER HORÁCIO A. TENÓRIO	10
FAZER AMIGOS: ALEXANDRA MARINA FERREIRA CALADO, DE PAREDE, PORTUGAL JULIE WARDELL	1

MAIO de 1993, Vol. 17, nº 5
93985 059 São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Ezra Taft Benson,
Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze: Howard W. Hunter,
Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry,
David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell,
Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard,
Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores: Rex D. Pinegar, Charles Didier,
Robert E. Wells

Editor: Rex D. Pinegar

Diretor Gerente do Departamento de Currículo:

Ronald L. Knighton

Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:

Editor Gerente: Brian K. Kelly

Editor Gerente Assistente: Marvin K. Gardner

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker

Controlador: Diana Van Staveren

Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki

Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen

Desenho: Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Steven L. Dayton,

Jane Ann Kemp, Denise Kirby

Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:

Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance

Editor: Paulo Dias Machado

(Reg. 8966-35-02 - RJ)

Tradução e Notícias Locais: Ana Gláucia Ceciliato

Assinaturas: Loacir Severo Nunes

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas,
05599-970 - Caixa Postal 26023,
São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr\$ 192.000,00;**
para Portugal - Centro de Distribuição Portugal, Rua
Ferreira de Castro, 10 - Miratejo, 2800 - Almada.
Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US\$
5,00; aérea, US\$ 10,00.

Preço de exemplar em nossa agência: **Cr\$ 16.000,00.**

As mudanças de endereço devem ser comunicadas
indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA - © 1977 por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Imprensoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês, tcheco, húngaro e russo. Impressão: ULTRAPRINT Impressora Ltda. - Rua Bresser, 1224 - Brás - São Paulo - SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato,
2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The A Liahona (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price \$9,00 a year. \$1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

Printed in Brazil

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

COMENTÁRIOS

FORTEALECIDA POR MINHAS IRMÃS

Desejo congratular-me com a maravilhosa edição da *Liahona* (espanhol), de março de 1992, em comemoração ao 150º aniversário da Sociedade de Socorro.

Senti um belo espírito de fraternidade ao ler a respeito de irmãs de todas as partes do mundo, que demonstram sua caridade ajudando os filhos do Pai Celestial. Sinto-me fortalecida ao saber que todos os santos dos últimos dias são uma grande família. A *Liahona* promove nossa união.

Sandra Bellorin

Ala San Felipe 1

San Felipe, Venezuela

UMA BÊNÇÃO COMPARTILHADA

O presidente de nossa estaca fez-nos um desafio inspirado. Disse aos membros da estaca que, se quiséssemos ter a influência do evangelho em todos os nossos lares, especialmente naqueles dos menos ativos, precisávamos ler a *Liahona* (espanhol).

Ele incentivou todas as famílias a fazerem uma assinatura. Quando todos os membros ativos já tinham sua própria assinatura, começaram a orar para encontrar famílias a quem ajudar. Cada família ativa fez assinatura para uma família menos ativa. Agora, algumas das alas têm 100 por cento de famílias que recebem a revista.

A parte maravilhosa deste desafio é que a bênção da *Liahona* tem reativado membros menos ativos. O espírito de

nossas reuniões também melhorou. Quando compartilhamos o que temos com os que nos cercam, todos são abençoados com uma sensibilidade maior ao Espírito. Obrigado por uma revista que edifica testemunhos.

William Mimbela

Estaca Lima Peru Central

Lima, Peru

PERTO DE CASA

Sua história sobre a irmã Crisanta Juan, na edição de março de 1992 do *Tambuli* (inglês), foi ótima. Foi muito interessante ler a respeito de outra irmã filipina como eu. Ela demonstrou coragem, fé exemplar e testemunho, renunciando ao conforto material para fazer a vontade do Senhor. Com os problemas econômicos que todos os filipinos enfrentam, fico feliz em saber que existem algumas irmãs Juan na Igreja — espero que existam muitas mais. Tenho orgulho dela.

Cielito Maria Ostimo

Manila, Filipinas

NOTA DO EDITOR

Somos imensamente gratos a nossos leitores e os convidamos a nos enviarem cartas, artigos e histórias. A língua não é barreira. Incluam nome completo, endereço, ala ou ramo, e estaca ou distrito. Nosso endereço é International Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, USA.



MADRUGADA DE DESESPERO, FRANK BRAMLEY, 1888, GALERIA TATE, LONDON/ART RESOURCE, NOVA YORK

Madrugada de Desespero — Manhã de Alegria

Presidente Thomas S. Monson

Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Londres, Inglaterra, acha-se impregnada de história. Quem já não ouviu falar de Trafalgar Square, do Palácio de Buckingham, do Big Ben, da Abadia de Westminster ou do Rio Tâmisa? Menos conhecidas, porém de valor inestimável, são as magníficas galerias de arte desse centro de cultura.

Certa tarde cinzenta de inverno, visitei a famosa Galeria Tate, maravilhando-me diante das paisagens de Thomas Gainsborough, dos retratos de Rembrandt e das nuvens tempestuosas de John Constable. Escondida num canto do terceiro andar, encontrei uma obra-prima que não só despertou minha atenção, mas também conquistou-me o coração. O artista, Frank Bramley, pintara uma humilde choupana voltada para o mar revolto. Ajoelhada ao lado de uma anciã, via-se uma jovem esposa aflita, chorando a perda do marido navegante. O toco de vela no parapeito da janela revelava sua longa, inútil vigília. Pesadas nuvens escuras eram tudo o que restava da noite tempestuosa.

Ajoelhada ao lado de uma anciã, via-se a jovem esposa aflita, chorando a perda do marido navegante. O toco de vela no parapeito da janela revelava sua longa, inútil vigília.

Pude sentir-lhe a solidão, o desespero. O título vividamente obsessivo dado pelo pintor à sua obra revelava a trágica história. Dizia: *Madrugada de Desespero*.

Como a jovem viúva ansiava pelo consolo, pela realidade do "Requiem" de Robert Louis Stevenson:

*O navegante voltou do mar,
para casa
E o caçador retomou
das montanhas.*

Para ela e inúmeros outros que perderam entes queridos, cada madrugada é de desespero. É a experiência dos que encaram a morte como o fim de tudo, e a imortalidade como um mero sonho.

A renomada cientista Madame Marie Curie, ao voltar para casa na noite do funeral de seu marido, Pierre Curie, morto num acidente nas ruas de Paris, anotou em seu diário: "Eles encheram a sepultura e cobriram-na de flores. Tudo acabou. Pierre dorme seu derradeiro sono debaixo da terra; é o fim de tudo, tudo, tudo."

O ateu Bertrand Russell acrescenta em seu testamento: "Nem fogo, nem heroísmo, nem integridade de pensamento e sentimentos podem preservar uma vida individual além do túmulo". E Arthur Schopenhauer, filósofo e pessimista alemão, foi ainda mais amargo. Ele escreveu: "Desejar imortalidade é desejar a perpetuação eterna de um grande engano".

Na verdade, toda pessoa cons-

ciente tem se perguntado: "A vida do homem continua além da sepultura?"

A morte atinge toda a humanidade. Visita os idosos que caminham com passos trôpegos; seu chamado é ouvido pelos que mal atingiram a metade da jornada da vida e, com freqüência, cala o riso das crianças. A morte é uma realidade trágica da qual ninguém pode escapar ou negar.

Um homem venerável, perfeito e justo chamado Jó, há séculos descreveu a morte com estas palavras: "Como as águas se retiram do mar e o rio se esgota, fica seco.

Assim o homem se deita, e não se levanta; até que não haja mais céus não acordará nem se erguerá de seu sono" (Jó 14:11-12).

Jó, porém, assim como multidões de outros, rebelou-se contra esta idéia. Afastando-se do espetáculo deprimente da aparente vitória da morte, ele proferiu o brado triunfante: "Quem me dera agora, que minhas palavras se escrevessem! Quem me dera, que se gravassem num livro!

E que, com pena de ferro, e com chumbo, para sempre fossem esculpidas na rocha!

Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra.

. . . Em minha carne verei a Deus" (Jó 19:23-26).

E quem não se sentirá inspirado pelo toque de clarim do Apóstolo

Paulo, declarando: "Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir,

Nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor" (Romanos 8:38-39).

Talvez nenhuma escritura revele com mais dramaticidade uma verdade divina do que a declaração de Paulo na epístola aos Coríntios: "Porque assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo" (I Coríntios 15:22).

A morte com freqüência chega como um intruso. É um inimigo que surge repentinamente em pleno banquete da vida, apagando suas luzes e alegria. A morte pousa sua mão pesada sobre aqueles que nos são mais caros, deixando-nos às vezes frustrados e perplexos. Em certas situações, quando há muito sofrimento e doença, a morte surge como um anjo misericordioso. Quase sempre, porém, consideramo-la um inimigo da felicidade humana.

A difícil situação da viúva, por exemplo, é um tema comum nas sagradas escrituras. Nosso coração se compadece com a viúva de Sarepta. Seu marido se fora. Acabara-se sua escassa reserva de alimentos. Fome e morte a aguardavam. Então chegou o profeta de Deus com a ordem,

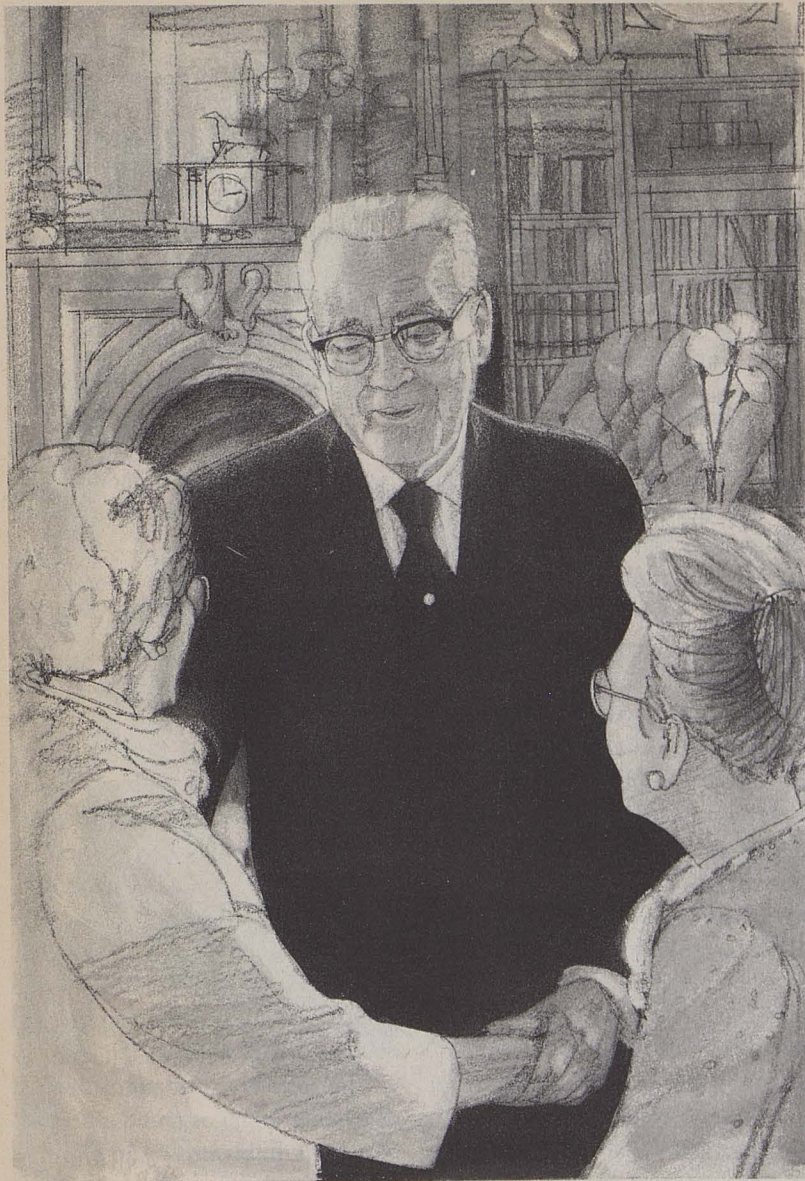


ILUSTRAÇÃO DE LARRY WINBORG

aparentemente ultrajante, de que a viúva o alimentasse. Sua resposta é particularmente tocante: “Vive teu Deus, que nem um bolo tenho, senão somente um punhado de farinha numa panela, e um pouco de azeite numa botija; e vês aqui, apanhei dois cavacos, e vou prepará-lo para mim e para o meu filho, para que o comamos, e morramos” (I Reis 17:12).

As palavras tranquilizadoras de Elias penetraram -lhe a alma: “Não temas; vai, faz conforme à tua

palavra: porém faz disso primeiro para mim um bolo pequeno e traze-mo para fora; depois farás para ti e para teu filho.

Porque assim diz o Senhor de Israel: A farinha da panela não se acabará, e o azeite da botija não faltará . . .

E foi ela, e fez conforme à palavra de Elias . . .

Da panela a farinha se não acabou, e da botija o azeite não faltou” (versículos 13-16).

Essa mesma viúva perdeu o filho

O Élder Harold B. Lee ouviu-lhes as alegações. Sentiu a tristeza que havia em seus corações e chamou-as para servirem ao Senhor e à humanidade.

precioso para a morte inimiga. O Deus do céu, porém, ouviu-lhe a súplica e, por meio de seu profeta, restaurou-lhe a vida do filho.

A viúva de Naim passou a mesma coisa que a viúva de Sarepta. Ela também perdeu o filho. Ela também teve o filho de volta — sadio. Uma dádiva do Senhor Jesus Cristo.

E hoje em dia? Existe consolo para um coração angustiado? Deus ainda se lembra do sofrimento da viúva?

Não muito distante do Tabernáculo de Lago Salgado viviam duas irmãs. Ambas tinham dois lindos filhos. Ambas tinham maridos carinhosos. Ambas viviam com conforto, prosperidade e saúde. Então, o ceifeiro implacável visitou seus lares. Primeiro, ambas perderam um filho; depois o marido. Amigos as visitaram; as palavras deram-lhes certo consolo, mas a dor continuava forte.

Passaram-se os anos. Os corações continuavam cheios de dor. As duas irmãs procuraram e conseguiram isolar-se do mundo que as rodeava. Ficaram a sós com sua amargura. Então, um profeta moderno de Deus,

que conhecia bem essas duas irmãs, recebeu do Senhor a inspiração para cuidar de sua dor. O Élder Harold B. Lee deixou seu movimentado gabinete e foi ao apartamento de cobertura das viúvas. Ouvia-lhes as alegações. Sentiu a tristeza que havia em seus corações e chamou-as para servirem ao Senhor e à humanidade. Ambas tornaram-se oficiantes no templo sagrado. Ambas voltaram-se para fora, para a vida de seus semelhantes e para o alto, para o semblante de Deus. A paz substituiu a perturbação. A confiança dissipou o desespero. Deus, uma vez mais, lembrou-se da viúva e, por intermédio de um profeta, concedeu o consolo divino.

As trevas da morte sempre podem dissipar-se pela luz da verdade revelada. “Eu sou a ressurreição e a vida”, disse o Mestre; “quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá;

E todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá” (João 11:25-26).

Essa confiança, sim, esta confirmação sagrada da vida além da morte, bem poderia ser a paz prometida pelo Salvador, quando asseverou a seus discípulos: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou: não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (João 14:27).

“Credes em Deus, crede também em mim.

Na casa de meu Pai há muitas

moradas: se não fosse assim, eu vo-lo teria dito: vou preparar-vos lugar . . . para que onde eu estiver estejais vós também” (João 14:1-3).

Da escuridão e do horror do Calvário elevou-se a voz do Cordeiro, dizendo: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lucas 23:46). E a escuridão não mais existia, pois ele estava com o Pai. Ele viera de Deus, e para Deus retornara. Assim, também aqueles que caminham com Deus nesta peregrinação terrena sabem por experiência sagrada que ele não abandonará os filhos que nele confiam. Na noite da morte, sua presença será “melhor que uma luz e mais segura que a senda conhecida”.

A realidade da ressurreição foi proclamada pelo mártir Estevão que, ao olhar para o alto, bradou: “Eis que vejo os céus abertos, e o Filho do Homem que está em pé à mão direita de Deus” (Atos 7:56).

Saulo, na estrada para Damasco, teve uma visão do Cristo ressurreto e exaltado. Mais tarde, como Paulo, defensor da verdade e destemido missionário a serviço do Mestre, ele prestou testemunho do Senhor ressurreto, quando declarou aos santos de Corinto: “Cristo morreu por nossos pecados, segundo as escrituras; . . . foi sepultado, e . . . ressuscitou ao terceiro dia, segundo as escrituras: . . . foi visto por Cefas, e depois pelos doze.

Depois foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos . . . foi visto por Tiago, depois por todos os apóstolos.

E por derradeiro de todos me apareceu também a mim” (I Coríntios 15:3-8).

Em nossa dispensação, este mesmo testemunho foi expresso intrepidamente pelo Profeta Joseph Smith, quando ele e Sidney Rigdon testificaram: “E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dele, este é o testemunho, último de todos, que nós damos dele: Que ele vive!

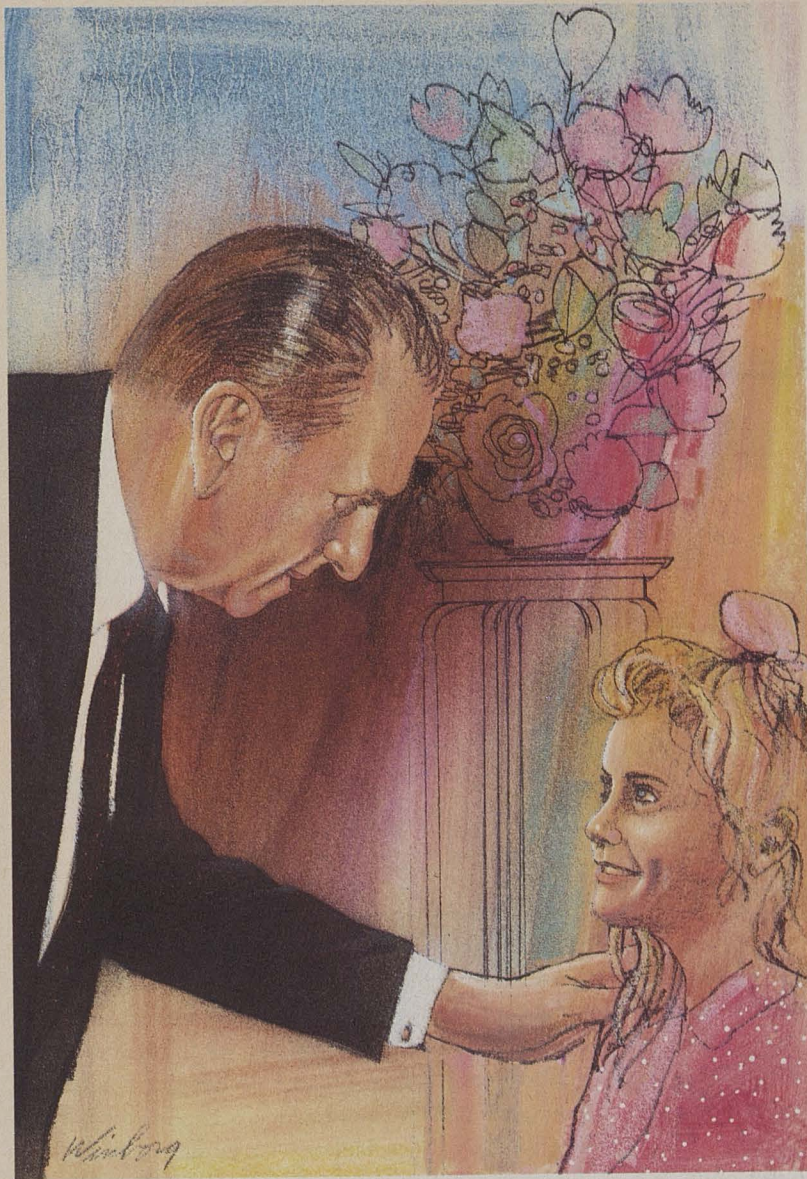
Pois vimo-lo, mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai —

Que por ele, por meio dele, e dele, são e foram os mundos criados, e os seus habitantes são filhos e filhas gerados para Deus” (D&C 76:22-24).

Este é o conhecimento que sustém. Esta é a verdade que conforta. Esta é a confiança que guia os que estão curvados pela dor, para fora das sombras da escuridão, em direção à luz.

Esse auxílio não é restrito aos idosos, aos instruídos, ou a uma minoria seleta. Está à disposição de todos.

Há muitos anos, os jornais da Cidade do Lago Salgado publicaram a nota de falecimento de uma boa amiga — mãe e esposa levada pela



morte no melhor de sua vida. Fui ao velório e lá encontrei uma multidão de pessoas reunidas para externar suas condolências ao marido desnordeado e os filhos. Subitamente, a criança menor, Kelly, reconheceu-me e pegou minha mão. "Venha comigo", disse, guiando-me para o caixão no qual jazia o corpo da mãe amada. "Não estou chorando, Irmão Monson, e o senhor também não deve chorar. Minha mãe falou-me muitas vezes sobre a morte e a vida com o Pai Celestial. Pertença a

minha mãe e a meu pai. Ficaremos juntos novamente". As palavras do salmista ecoaram em minha alma: "Da boca das crianças . . . tu suscitaste a força" (Salmos 8:2).

Com os olhos marejados de lágrimas, vi o sorriso lindo e cheio de fé de minha amiguinha. Para ela, cuja mão pequenina continuava agarrada à minha, jamais haveria uma madrugada de desespero. Amparada por seu testemunho inabalável, sabendo que a vida continua após a morte, ela, o pai, os

A menina cuja mãe falecera pegou minha mão e disse: "Não estou chorando, Irmão Monson, e o senhor não deve chorar. Ficaremos juntos novamente"

irmãos, as irmãs e, na verdade, todos os que compartilham deste conhecimento da verdade divina podem declarar ao mundo: "O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã". (Salmos 30:5).

Com toda força de minha alma, testifico que Deus vive, que seu Filho Amado é as primícias da ressurreição, que o evangelho de Jesus Cristo é aquela luz penetrante que faz de cada madrugada de desespero uma manhã de alegria. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. Apesar de a morte ser vista muitas vezes como um anjo de misericórdia em situações de grande sofrimento, a maioria das pessoas vê a morte como um inimigo da felicidade humana, que nos deixa pesarosos e perplexos.

2. O Senhor nos deu muitas confirmações sagradas da vida além da morte. As escrituras estão cheias de experiências que substituem a perturbação pela paz, e o desespero, pela confiança.

COMO SE AVALIA UM MILAGRE

Lois Lamb Reeder

Há alguns anos, minha mãe teve um tumor maligno no cérebro. A despeito da devastadora notícia, meu pai, um verdadeiro crente em milagres, insistiu que ela se recuperaria se nossa família exercesse a fé necessária. Oramos fervorosamente, e minha mãe recebeu muitas bênçãos do sacerdócio, mas seu estado de saúde foi declinando cada vez mais.

Desesperado, mas sem se deixar abater, meu pai continuou indo ao templo diariamente. Enquanto estava à janela, vendo-o encaminhar-se para o templo bem cedo certa manhã, lembrei-me de um dia, muitos anos antes, quando meu irmão mais novo caiu de um cavalo. Pensando que ele sofrera apenas uma ligeira contusão, com um pouco de sangue no nariz, fiquei arrasada quando ele morreu ainda naquela noite. O mundo parecia ter desabado, e durante meses murmurei a dolorosa pergunta: Por que o Pai Celestial não fez um milagre para salvar a vida de meu irmão?

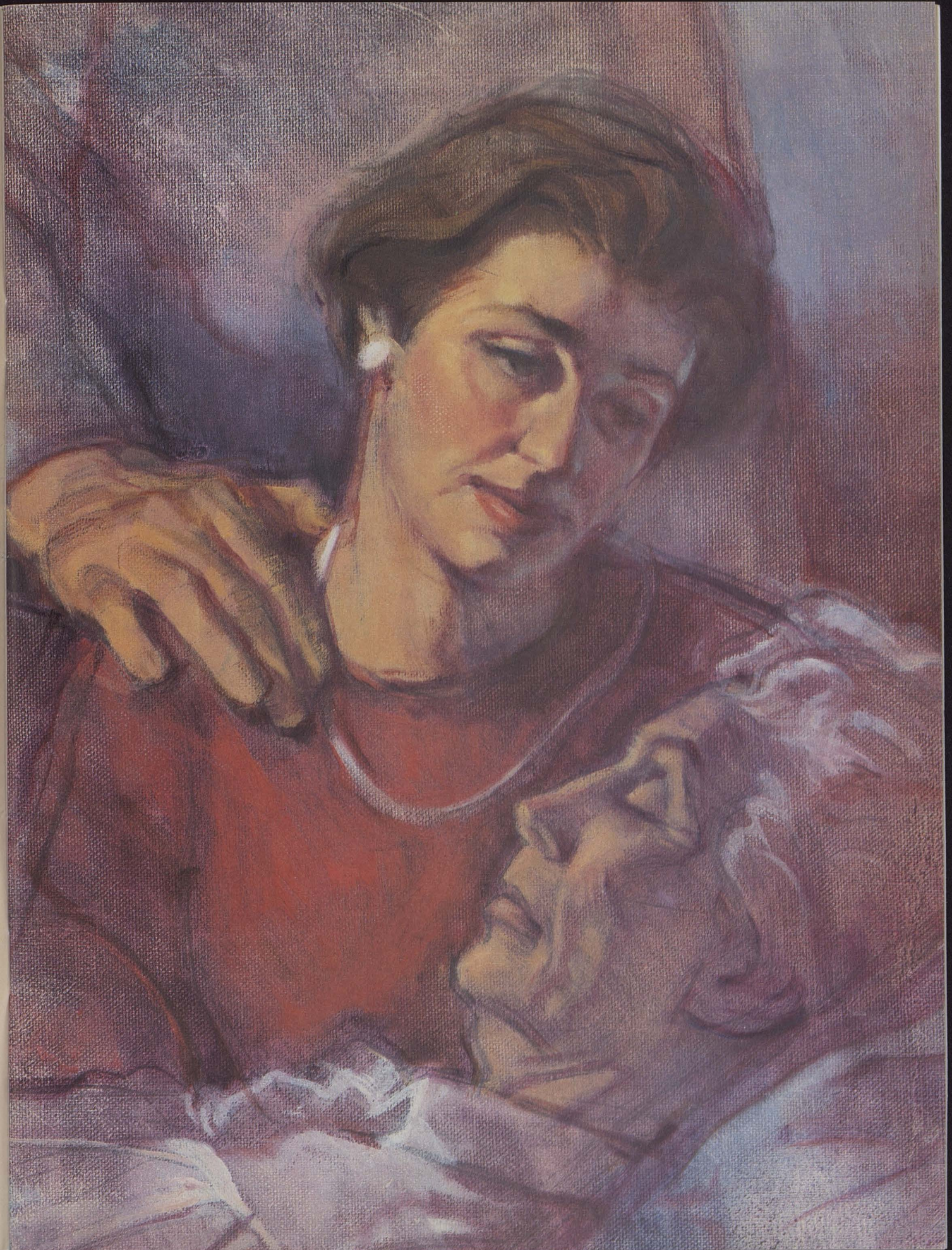
Alguns anos depois de sua morte, nossa família foi abençoada com um milagre, quando minha mãe sobreviveu à remoção do primeiro tumor. Sabíamos que o Pai Celestial respondera às nossas orações, preservando a vida de minha mãe.

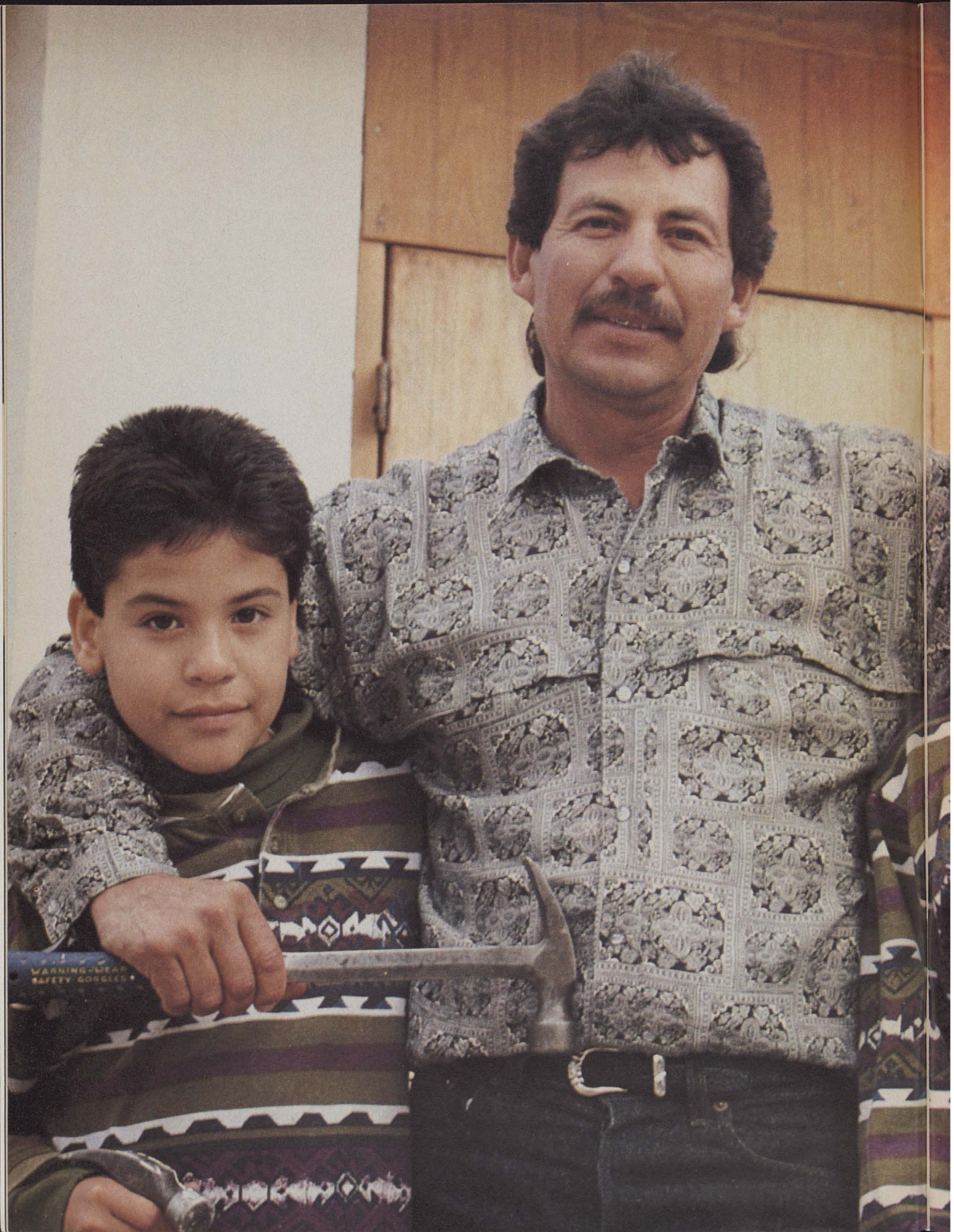
Saí da janela, pensando em milagres: Quem tem o direito de recebê-los? Os milagres são concedidos exclusivamente pela fé? Como, exatamente, avaliamos um milagre? Depois, pensei em minha mãe. Parecia que ela agora estava morrendo devagar — morrendo de um segundo tumor cerebral, cerca de trinta e cinco anos depois que o primeiro fora removido. Ela tivera uma vida feliz e produtiva — completa — e eu me perguntava se haveria outro milagre reservado para ela.

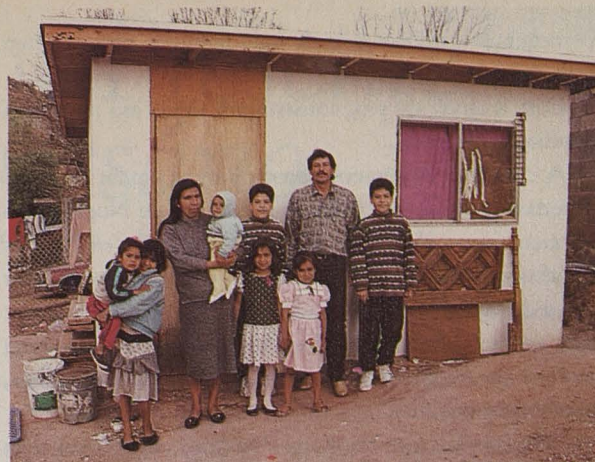
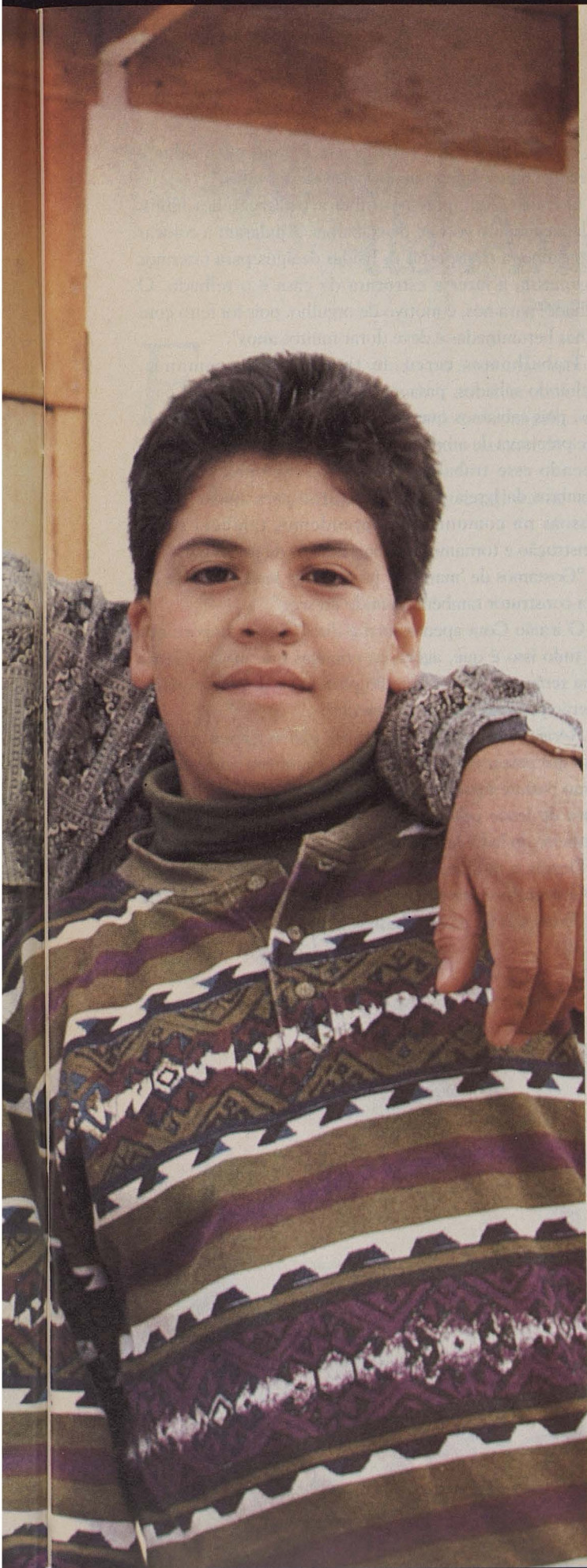
Quando a beijei pela última vez nesta vida, disse-lhe que a amava. Seu olhar sereno ao morrer convenceu-me de que eu testemunhara um dos maiores de todos os milagres. Devido à realidade do evangelho e da ressurreição de Cristo, eu sabia que ela estava sorrindo novamente, abraçando todas aquelas pessoas queridas que haviam partido antes dela.

Ainda não sei como avaliar um milagre, mas isso não importa mais. Milagres acontecem a cada instante, e, às vezes, o maior milagre não é viver, mas morrer. □

O olhar sereno de minha mãe ao morrer convenceu-me de que eu testemunhara um dos maiores de todos os milagres.







A CASA QUE OS GÊMEOS CONSTRUÍRAM

Richard M. Romney

Qual foi seu último projeto de serviço? Foi algo realmente significativo para as pessoas que receberam seu auxílio? Tal projeto trouxe o amor de Cristo para suas vidas, mostrando-lhes que existem pessoas que realmente se importam umas com as outras?

Jessie e Steve Cota, de doze anos de idade, irmãos gêmeos que moram no Ramo de Nogales, na Estaca Tucson Arizona, prestaram esse tipo de serviço. Não o fizeram, no entanto, como um projeto do quorum ou uma designação do presidente do ramo, mas porque

Steve Cota, extrema esquerda, e o irmão gêmeo Jessie, com o pai, José. Acima, os rapazes, o pai e a família que ajudaram, em frente à casa nova.

perceberam a necessidade de uma família e encontraram uma maneira de supri-la.

Com a ajuda do pai, construíram uma casa para uma família desabrigada.

A casa que os gêmeos construíram é similar a outras dezenas de casas que cobrem a encosta de Nogales, no México, uma cidade que fica na divisa entre os Estados Unidos e o México. A casa é pequena, feita na maior parte de madeira compensada e não tem água encanada, mas agora é o lar de uma família de seis pessoas — uma mulher que foi abandonada pelo marido e os cinco filhos, que viviam nas ruas.

“Minha tia, que mora no México, encontrou essa mulher no hospital”, explica Steve. “Ela viu a situação na qual viviam a mulher e os cinco filhos, percebeu que precisavam de ajuda e falou com meu pai, José, que é primeiro conselheiro na presidência do ramo, para saber o que poderia ser feito.”

A notícia se espalhou rapidamente no ramo. Os membros da Igreja contribuíram como puderam, e o irmão Cota, que é construtor, conseguiu a doação de materiais de um projeto de construção no qual estava trabalhando. A tia doou a propriedade atrás de sua própria casa, para a nova construção.

“O mais importante de tudo isso é que, agora, as crianças que moram nessa casa terão um futuro”, diz o irmão Cota. “Ficarão protegidas das intempéries e terão possibilidade de ir à escola.”

“Todos ajudaram”, diz Jessie, “mas, para falar a verdade, meu pai fez a maior parte do trabalho.”

O irmão Cota, porém, atribui a realização aos filhos. “Eles realmente gostam de trabalhar. Ajudaram a colocar o assoalho, a transportar os baldes de água para fazermos argamassa, a fazer a estrutura da casa e o telhado. O telhado, para nós, é motivo de orgulho, pois foi feito com telhas betuminadas e deve durar muitos anos”.

Trabalhamos cerca de três a quatro semanas, incluindo sábados, para concluir a obra. “Foi bom para nós, pois sabíamos que estávamos ajudando uma pessoa que precisava de auxílio”, diz Steve. “Aprendemos muito, fazendo esse trabalho juntos. Por exemplo, como os membros da Igreja podem esforçar-se para ajudar outras pessoas na comunidade; aprendemos também sobre construção e tornamo-nos mais amigos de nosso pai”.

“Gostamos de ‘martelar’ juntos”, diz Jessie. “Talvez eu seja construtor também, quando crescer.”

O irmão Cota apenas sorri e diz: “O mais importante de tudo isso é que, agora, as crianças que moram nessa casa terão um futuro. Ficarão protegidas das intempéries e terão possibilidade de ir à escola”.

A visita durou um pouco mais. Conversamos sobre a casa dos passarinhos que os gêmeos estavam construindo como passatempo, sobre os jogos de beisebol de Steve, o amor de Jessie pelo futebol e os planos de construir um banheiro do lado de fora da casa.

Depois, a mulher, rodeada pelos filhos, cumprimentou os Cotas calorosamente e posou para uma foto com eles.

“Estas são as pessoas”, disse ela, “que me deram um lar.” □

Meu Melhor Presente de Aniversário

Takami Iwasaki Masuko

Eu estava me preparando para ser uma monja budista, mas tudo mudou em dezembro de 1985, quando fui convertida ao evangelho de Jesus Cristo e fui batizada, tornando-me membro da Igreja.

Comecei a trabalhar como entregadora de um

“buffet”. Essa rotina de trabalho pode parecer enfadonha, mas eu gostei da oportunidade que me deu de partilhar o evangelho e fazer novos amigos.

Estranhamente, parecia que quase todos os clientes tinham algo a dizer sobre religião numa ocasião ou outra, mas eu nunca lhes contava que era membro da



ILUSTRADO POR RON PETERSON



**Takami cumpriu
missão em
Hokkaido,
Japão.**



Igreja, a menos que me perguntassem a respeito de minha religião. De vez em quando, dava um jeito de visitar clientes depois do trabalho, para falar-lhes mais sobre a Igreja.

A maioria de meus clientes estava em casa quando eu fazia as entregas, mas se não encontrava ninguém, deixava um bilhete com as encomendas. Uma cliente que nunca estava em casa era a senhora Ueki. Ela começou a responder a meus bilhetes, e eu ficava ansiosa por receber sua calorosa mensagem todos os dias. Embora eu nunca a tivesse visto, dei-lhe o apelido de "D. Gatinha". Ela me respondeu, apelidando-me de "Pombinha".

Nessa época, eu me preparava para a missão. Ia para Hokkaido, no Japão. Em meados de março, escrevi a D. Gatinha para dizer-lhe que estava saindo da cidade, mas não lhe disse por quê. Não queria que sentisse que eu me tornara sua amiga apenas para que fosse batizada. Eu desejava sinceramente continuar nossa amizade.

Depois de muitas orações humildes, finalmente decidi escrever-lhe e contar-lhe que eu era santo dos últimos dias. Queria que ela soubesse por que eu me filiará à Igreja e os motivos pelos quais estava indo para Hokkaido e lá ficaria durante dezoito meses. No dia seguinte, deixei-lhe a carta e dois folhetos missionários: "O Propósito da Vida" e "O Testemunho do Profeta Joseph Smith".

Duas semanas depois que cheguei a Asahikawa, em Hokkaido, recebi uma carta de D. Gatinha. Logo que a abri, reconheci a bela e familiar caligrafia: "Querida Pombinha, como vai? Como vão as coisas? As pessoas tratam-na bem? Espero que não esteja tendo problemas. Está comendo direito? Preocupo-me com o seu bem-estar."

Ao abrir a carta, reconheci a bela e familiar caligrafia. Fiquei com os olhos cheios de lágrimas ao saber que minha amiga estava recebendo as palestras dos missionários.

Fiquei com os olhos cheios de lágrimas.

Após a saudação inicial, ela escreveu algumas linhas e, depois, começou uma nova carta. Dessa vez dirigiu-se a mim, para minha surpresa, como "Sister Iwasaki".

"Recebi os folhetos da sua última entrega. Sempre disse aos meus amigos que estava procurando a verdadeira igreja. Depois de ler sua carta, dei uma olhada nos folhetos e fiquei emocionada. Perguntei a mim mesma: 'Será isto o que venho procurando?'

Também queria saber por que escolhera essa igreja, por isso, no mesmo dia telefonei à casa da Missão Osaka em Hirakata. Marcamos a primeira palestra com os missionários para o dia 9 de abril, e as visitas seguintes para os dias 12 e 16 de abril, e 2 de maio."

Fiquei exultante!

Nós nos correspondemos durante seis meses, nos quais senti seu testemunho crescer. No dia 13 de novembro, quando entrei na capela, uma pessoa me disse que havia uma encomenda para mim. No pacote dizia "Para o seu Aniversário". Era de D. Gatinha. Dentro havia uma carta na qual escrevera:

"Querida Pombinha: Desculpe não ter escrito antes. Sexta-feira passada, meu filho mais velho, Junya, que tem oito anos, terminou a última palestra missionária. Ontem ele foi entrevistado para o batismo. Adivinhe qual é a data do nosso batismo? Poderíamos tê-lo marcado mais cedo, mas deixamos para o dia 27 de novembro. Sabe por quê? Porque é seu aniversário!"

Esse foi o melhor presente de aniversário que já recebi — saber que D. Gatinha e Junya seriam batizados. Meus amigos foram ao batismo para me representar.

Agradeço a Deus por usar-me como instrumento para ajudar a guiar a irmã Ueki e sua família ao evangelho. □

Depois de terminar a missão, Takami casou-se com Kazuyoshi Masuko no Templo de Tóquio. Eles freqüentam a Ala de Toyohira, na Estaca Sapporo, Japão.



UM PAPEL DE ESTRELA

Diane Hoffman



O sonho de Becki Jackson tornara-se realidade. Fora escolhida para atuar num dos papéis principais do musical da escola, algo que desejara desde bem pequena.

Passada a tensão dos testes de seleção, Becki estava ansiosa por decorar sua parte e levou as partituras para casa. No entanto, ao folhear o "script" ficou desconcertada com muitas das canções que pareciam ter letras indecentes e duplo sentido. E o seu papel era o pior!

Becki e sua família, que moram em Fisherville, em Ontário, Canadá, e freqüentam o Ramo de Simcoe, são membros da Igreja há dois anos. Os padrões de Becki sempre foram elevados, mas agora que era membro da Igreja e a única mórmon da escola, estava ainda mais decidida a mantê-los.

Quando foi ao primeiro ensaio da peça, conta ela: "Disse ao diretor que não cantaria aquelas músicas". "Ele tentou convencer-me de que a letra tinha somente o objetivo de ser engraçada. Eles não queriam perder-me como estrela, disse ele, mas se eu me sentia tão incomodada daquela maneira, eles me dariam outras canções para cantar". E Becki recebeu outras!

No ensaio seguinte, foi designada para o coro. Ninguém lhe deu nenhuma explicação. Outra moça foi

Becki Jackson, acima, não é somente uma pessoa ocupada na escola e na Igreja; ela é um palhaço profissional, esquerda, que atua em hospitais locais e atividades da comunidade.

colocada no papel de estrela e pediram-lhe que cantasse as canções.

As colegas de Becki, porém, apoiaram de tal forma sua posição, que os professores finalmente modificaram as músicas, retirando completamente os

trechos que Becki se recusara a cantar.

O pai de Becki, Kel Jackson, diz: "Conheci a força do testemunho de Becki quando lhe perguntei se iria continuar no musical. Ela respondeu: 'Esperei muito por isso e tenho me esforçado demais. Podem ter tirado a minha parte, mas *eliminaram* as letras indecentes e eu *estarei* nesse espetáculo'. Durante semanas de ensaio ela nunca mencionou o ocorrido nem reclamou de forma alguma".

Quando lhe perguntaram se ela estava magoada com os professores pelo modo como agiram, Becki respondeu: "Não gostei da atitude deles com relação às músicas, mas eles são boas pessoas e estão trabalhando muito para fazer deste musical um espetáculo do qual a escola se orgulhe".

Na noite de estréia, Becki demonstrou grande alegria por atuar no seu limitado papel, que incluía um solo de uma linha. "Muitas pessoas perguntaram por que ela não cantou uma parte maior", comenta o pai. "Foi então que compreendi plenamente que ela desempenhou uma parte maior do que todos os outros papéis da peça. Deixara de lado desejos pessoais para atuar de forma agradável ao Pai Celestial. O exemplo de Becki é um lembrete de que o sacrifício por princípios do evangelho sempre levará a um papel de estrela". □

DAVY O CAMPEÃO QUE NÃO CORREU

Susan E. Tanner

Quando meu filho Davy entrou para a equipe dos corredores, no quarto ano da escola, seu grande talento como corredor tornou-se logo evidente. Nas corridas, era sempre um dos primeiros, e ficávamos orgulhosos dele.

Davy foi logo convidado a fazer parte do clube de corrida organizado por alguns treinadores locais. Era uma grande oportunidade, mas havia um problema: muitas das competições realizavam-se aos domingos, e, por isso, Davy não aceitou o convite.

Quando Davy recusou o convite no ano seguinte, os treinadores presumiram que meu marido e eu o estávamos impedindo de fazer parte do clube, mas esclarecemos que a escolha fora apenas de Davy.

A resposta de Davy aos treinadores foi: "Eu realmente gostaria muito de entrar para o clube, mas não corro aos domingos".

No sexto ano, Davy havia desenvolvido uma incrível 'arrancada' na corrida, que o colocava entre os dois ou três melhores corredores em todas as competições. Convidaram-no novamente a entrar para o clube. Dessa vez, com um atrativo a mais — os rapazes planejavam viajar pelos Estados Unidos para competir nas finais do campeonato nacional em sua faixa etária. Os treinadores e os membros da equipe queriam muito que Davy fosse com eles.

Davy recebeu o sacerdócio e foi ordenado diácono naquele ano. Quando conversou conosco sobre o convite do clube de corrida, perguntamos apenas: "Filho, e suas responsabilidades do sacerdócio?".

A resposta de Davy à equipe foi: "Preciso ir à Igreja aos domingos".

O clube foi para as finais, competiram com os melhores de todo o país e ganharam; foram os campeões nacionais. Quando os rapazes voltaram para casa, a escola, os pais e os treinadores do clube exultaram com a atuação dos rapazes. A escola preparou uma reunião especial com repórteres de jornal e câmeras de TV. Chamaram um por um, enquanto aplausos entusiásticos ressoavam na platéia.

Davy sentou-se, observando os rapazes receberem o reconhecimento que teria sido dele se tivesse feito uma escolha diferente. Fiquei com o coração em pedaços ao ver suas lágrimas. Toquei-o de leve no ombro, e saímos da ruidosa multidão. Num lugar sossegado, abracei-o e choramos juntos por um momento. Depois, disse-lhe o quanto me orgulhava dele. Davy tinha feito o que o Pai Celestial esperava que fizesse. A admiração das pessoas e o reconhecimento do mundo são atrativos poderosos, mas têm muito pouco a ver com nosso progresso eterno.

Alguns dias mais tarde, relatei a experiência de Davy a um amigo. Pouco depois, meu amigo mandou-lhe uma carta junto com um troféu, no qual se lia: "Davy: Campeão da Juventude".

A carta dizia: "Você recebeu o livre-arbítrio para escolher. Obrigado por seu exemplo. É mesmo um campeão". □



ILLUSTRATED FOR
MARK ROBINSON

SOMENTE PELO PRINCÍPIO DA RETIDÃO

Presidente Gordon B. Hinckley

Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

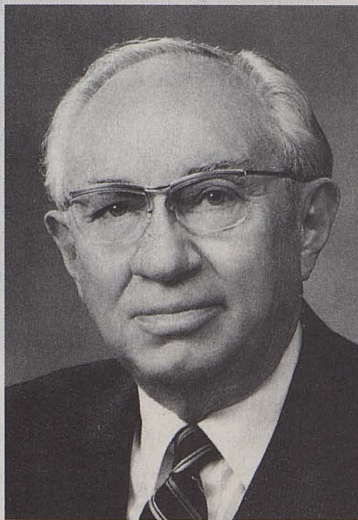
Este discurso foi proferido num serão, em 3 de maio de 1992, numa transmissão via satélite, em comemoração ao 163º aniversário da restauração do sacerdócio.

E um grande desafio falar numa reunião deste tipo. Suponho que esta noite, a congregação totalize cerca de meio milhão de homens e rapazes, todos ordenados ao sacerdócio de Deus. Pedro descreveu esse grande grupo como “o sacerdócio real” (vide I Pedro 2:9), e realmente o somos, quando vivemos de acordo com os estritos e elevados padrões pelos quais devem viver os que agem em nome de Deus, o Pai Eterno, com a autoridade concedida pelo Senhor Jesus Cristo.

Suponho que nenhum de nós pode realmente compreender a magnitude do poder deste grupo extraordinário. Certa ocasião, Wilford Woodruff descreveu uma experiência em abril de 1834, quatro anos depois de organizada a Igreja. Foi em Kirtland, Ohio. O Profeta Joseph Smith convocou uma reunião do sacerdócio. Todos os que portavam o sacerdócio na época reuniram-se numa pequena cabana. Havia apenas alguns sumos sacerdotes, nenhum apóstolo ou setenta, e alguns élderes. O pequeno grupo que se reuniu na pequena sala de uma casinha de madeira cresceu a ponto de termos hoje aproximadamente um milhão de portadores do

Sacerdócio Aarônico e 900.000 portadores do Sacerdócio de Melquisedeque.

Kirtland, na época o local onde vivia a maioria dos santos, era uma cidade pequena. Hoje, 158 anos mais tarde, somos uma poderosa con-



gregação que se espalha por toda a terra. Reuni-me recentemente, com portadores do sacerdócio em Madrid, na Espanha; depois, em Roma, na Itália, em Genebra, na Suíça, e em Odense, na Dinamarca que, por sua localização central, serve de ponto de reunião para os membros de Copenhague e outras cidades dinamarquesas. Em cada área fala-se uma língua diferente. Os membros daquelas quatro localidades saúdam cada um uma bandeira e são cidadãos de nações diferentes; todos, porém,

têm uma grande coisa em comum: estão ligados pelo cordão da irmandade do evangelho de Jesus Cristo. Todos eles receberam imposição das mãos e autoridade divina.

Soube que agora temos membros em 138 países. Pensei nisso. Em todas as localidades onde se plantou este evangelho, foi necessário estabelecer uma base do sacerdócio sobre o qual se pudesse construir. Em algumas localidades, começou com o pai de uma família que reuniu a esposa e os filhos para adorarem ao Senhor no dia santificado. Desses pequenos começos derivaram fortes congregações, que se tornaram alas e estacas em Sião.

Na primeira vez em que visitei Roma, não havia nenhum outro santo dos últimos dias em toda a Itália do qual tivéssemos conhecimento. Agora há homens de força e capacidade naquela nação, homens de fé e amor ao Senhor, bem como fortes estacas.

Quando abrimos o trabalho nas Filipinas, em 1961, nossa pequena reunião incluía um filipino nativo, membro da Igreja. Hoje, há 263.000 membros filipinos registrados, organizados em quarenta e quatro estacas de Sião, com muitas capelas e um lindo templo. Tudo faz parte do processo de encontrar e ensinar homens receptivos ao Espírito Santo. Alguns deles aceitam o batismo,

permanecem fiéis e crescem em conhecimento e entendimento e, em poucos anos, temos bispos, presidentes de estaca, presidentes de missão, patriarcas e presidentes de templo. É o assombroso milagre deste trabalho.

É claro que mulheres fiéis são uma parte essencial de tudo isso. Elas têm feito um trabalho esplêndido. Têm feito contribuições notáveis, mas, com tudo isso, foi necessário encontrar homens, ensiná-los, batizá-los, alimentá-los, treiná-los e qualificá-los para posições de liderança.

Na revelação que conhecemos como a seção 1 de Doutrina e Convênios, o Senhor declara que uma das razões pelas quais houve a restauração do evangelho foi para que “todo homem fale, em nome de Deus, o Senhor e Salvador do mundo” (D&C 1:20).

Ele está falando aqui do sacerdócio, seu sacerdócio. Este é o objetivo de nosso trabalho: que todo homem fale em seu nome.

O que é triste e lamentável é que nem todos os que foram ordenados ao sacerdócio têm sido fiéis à autoridade que receberam. Eles continuam sendo portadores de um ofício do sacerdócio, mas somente no nome, pois, devido a indiferença ou transgressão, perderam o poder de agir nesse ofício. Todos devemos estar cientes de que isso pode acontecer a qualquer um, a menos que estejamos constantemente

vigilantes, mantendo nossas vidas em harmonia com os princípios do evangelho.

Fico pensando em Oliver Cowdery. Foi um homem que desistiu do trabalho como professor para ajudar Joseph Smith na tradução do Livro de Mórmon. Enquanto trabalhava nisso, surgiu uma dúvida com relação ao batismo. Em resposta à sua oração, foi concedido o Sacerdócio Aarônico, pelas mãos de João Batista.

Foi Oliver Cowdery também que, junto com o Profeta Joseph Smith, recebeu a imposição das mãos de Pedro, Tiago e João, os apóstolos que receberam o sacerdócio do próprio Senhor enquanto estavam na mortalidade. Foi Oliver Cowdery que se tornou testemunha das placas das quais o Livro de Mórmon foi traduzido. Tornou-se o segundo élder da Igreja. Foi um dos três a quem o Profeta pediu que procurasse os primeiros doze Apóstolos nesta dispensação. Ele os instruiu em palavras que ressoam com poder até os dias de hoje.

Esse mesmo Oliver Cowdery, porém, deixou que algumas coisas sem importância o desviassem. Tornou-se descontente e mal-humorado e criticava Joseph Smith. O espírito de apostasia perturbou-o até que deixou a Igreja.

Mais tarde ele voltou, pedindo que o aceitassem apenas como membro. Wilford Woodruff declarou a seu

respeito: “Vi Oliver Cowdery quando parecia que a terra se lhe fosse abrir debaixo dos pés. Nunca vi um homem prestar testemunho mais forte do que ele, quando sob a influência do Espírito; mas quando deixou o reino de Deus, seu poder caiu como um raio caindo do céu. Ele foi destituído de sua força como Sansão sobre os joelhos de Dalila. Perdeu o poder e o testemunho que desfrutara, e nunca mais os recuperou na sua plenitude, embora tivesse morrido como membro da Igreja” (Stanley R. Gunn, *Oliver Cowdery — Second Elder and Scribe*, Salt Lake City: Bookcraft, 1962, página 73).

Thomas B. Marsh era o membro sênior do primeiro Quorum dos Doze. O Senhor falou-lhe numa revelação. Era um homem de grande poder e capacidade. Então, envolveu-se numa briga entre a esposa e uma irmã Harris, acerca de um pouco de creme de leite. Não muito tempo depois, perdeu a harmonia com os irmãos dos Doze e finalmente saiu da Igreja. Por dezenove longos anos, viveu em amargura, solidão e pobreza, ele que antes era um homem poderoso, portador do santo apostolado e presidente do Conselho dos Doze.

Já vi homens que eram fortes e poderosos advogados desta grande causa, homens que portavam o sacerdócio com dignidade e poder. Em alguns casos, porém, tornaram-se descuidados; em outros, caíram em

**“Guarda a observância do Senhor teu Deus,
para andares nos seus caminhos, e para guardares
os seus estatutos, e os seus mandamentos, e os seus
juízos, e os seus testemunhos, . . . para que
prosperes em tudo quanto fizeres”
(I Reis 2:3).**

transgressão, e ainda em outras situações, tornaram-se orgulhosos e teimosos.

As promessas do Senhor àqueles que magnificam seu chamado nesse sacerdócio são maravilhosas. Posso visualizar a ocasião em que, quando eu era criança, ouvi neste tabernáculo o Presidente Heber J. Grant ler estas grandes palavras extraídas da seção 121 de Doutrina e Convênios:

“Quanto tempo podem permanecer impuras as águas que correm? Que poder deterá os céus? Seria tão inútil querer o homem estender seu débil braço para desviar do seu curso o rio Missouri, ou fazê-lo ir correnteza acima, como evitar que o Todo-Poderoso derrame os seus conhecimentos dos céus sobre as cabeças dos santos dos últimos dias.” (Versículo 33.)

Depois, continuou a citar mais coisas concernentes a esse princípio com relação àqueles que foram ordenados ao sacerdócio de Deus:

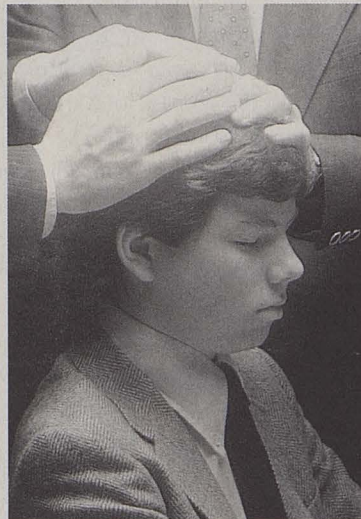
“Eis que muitos são chamados, mas poucos são escolhidos. E por que não são eles escolhidos?

Porque seus corações estão tão fixos nas coisas deste mundo, e aspiram tanto às honras dos homens, que não aprendem esta única lição —

Que os direitos do sacerdócio são inseparavelmente ligados aos poderes dos céus, e que os poderes dos céus não podem ser controlados nem manipulados a não ser pelo princípio

da retidão.” (Versículo 34–36.)

Todos nós que possuímos esse poder divino devemos reconhecer esta verdade suprema — que os poderes dos céus que são associados ao sacerdócio “não podem ser controlados nem manipulados a não



FOTOGRAFIA DE ELDON K. LINSCHOTEN

ser pelo princípio da retidão”.

“É certo que esse poder pode ser conferido sobre nós; mas, quando tentamos encobrir nossos pecados ou satisfazer o nosso orgulho, nossa vã ambição, exercer controle, ou domínio, ou coação sobre as almas dos filhos dos homens, em qualquer grau de injustiça, eis que os céus se afastam; o Espírito do Senhor se magoa; e, quando se afasta, amém para o sacerdócio ou autoridade daquele homem.

Eis que, antes de o perceber, ele é entregue a si mesmo, para recalçar contra os aguilhões, perseguir os santos e lutar contra Deus.” (Versículos 37–38.)

Quero ressaltar, irmãos, que embora continuemos a portar o ofício, podemos perder o poder. Muitos homens parecem pensar que, por terem sido ordenados, o sacerdócio é deles permanentemente, para o exercerem como quiserem. Aham que podem quebrar um convênio e um mandamento aqui e ali, pecar desse jeito ou do outro e, ainda assim, ter o poder do sacerdócio; e que Deus ratificará aquilo que fizerem em seu nome e no nome do Redentor. Isso é escárnio, e acredito que quando fazem isso, tomam o nome do Senhor em vão. Profanam o nome do seu Filho Amado. Profanam o dom sagrado que receberam por ordenação, e a autoridade que perderam devido à transgressão.

Foi o Senhor quem disse que será “amém para o sacerdócio ou a autoridade daquele homem” que se entrega ao pecado, que é orgulhoso, cuja atitude é de vã ambição, ou que procura exercer controle em qualquer grau de injustiça.

Existem inimigos desse trabalho hoje como haviam no passado. Entre eles há os que, por todos os artifícios e esquemas imagináveis, denigrem os líderes da Igreja, do passado e do presente, e procuram destruir o reino.

Quem são eles? Entre os mais inteligentes estão homens que uma vez foram ordenados ao sacerdócio, mas, que devido ao seu comportamento, perderam toda a autoridade do sacerdócio que poderiam ter. É bem verdade que, tendo sido entregues a si mesmos, recalcitram contra os agulhões, perseguem os santos e lutam contra Deus.

Irmãos, não quero ser pessimista, mas levanto uma voz de admoestação a todos, homens e rapazes, para que se esquivem do pecado. Transgressão é incompatível com autoridade divina. Fugam da pornografia como fugiriam de uma praga. Abstenham-se do pecado sexual em qualquer grau. Fugam da desonestidade e da fraude. Rogo-vos que controleis qualquer resquício de orgulho ou de vã ambição. Peço-vos que olheis para dentro de vós mesmos e verifiqueis se vossa atitude denota domínio ou coação sobre vossas esposas e filhos, lembrando sempre de que “nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido por virtude do sacerdócio, a não ser que seja com persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido.

Com benignidade e conhecimento puro, que grandemente ampliarão a alma, sem hipocrisia e sem dolo” (versículos 41-42).

Somos lembrados do “juramento e

convênio do sacerdócio”, como descrito na seção 84. Estou certo de que o Pai nos Céus não está satisfeito com nenhum homem ou rapaz que aceita a ordenação e depois entrega-se ao mal. No próprio processo de aceitação da ordenança ele faz um juramento a Deus e um convênio com ele.

Que figura magnífica, que pessoa nobre é o homem que foi ordenado ao sacerdócio que é chamado sacerdócio de Melquisedeque segundo o grande sumo sacerdote de Salém, que anda com dignidade, porém, com humildade perante seu Deus, que respeita e aprecia seus colegas, que rejeita as tentações do adversário, que se torna um verdadeiro patriarca no lar, um homem de bondade e amor, que reconhece a esposa como companheira e filha de Deus, e os filhos como aqueles a quem tem a responsabilidade divina de nutrir e guiar em retidão e verdade. Tal homem não tem nada de que se envergonhar. Vive sem remorso. Podem falar dele, mas ele sabe que Deus conhece seu coração, o qual é puro e imaculado.

Espero que todos os homens e rapazes desta vasta congregação deixem esta reunião, onde quer que estejam, com a firme resolução de viver de modo mais digno como membro desta grande sociedade real, que é diferente de qualquer outra sociedade na face da terra. Seja vossa

riqueza grande ou pequena, isto não importa à vista de Deus. Seja vossa posição no mundo de maior ou menor importância, não faz diferença, pois devemos lembrar-nos de que o Senhor não olha para a aparência exterior, mas para o coração. (Vide I Samuel 16:7.)

Para terminar, coloco sobre cada um de nós o encargo dado por Davi ao filho Salomão:

“Esforça-te pois e sê homem;

E guarda a observância do Senhor teu Deus, para andares nos seus caminhos, e para guardares os seus estatutos, e os seus mandamentos, e os seus juízos, e os seus testemunhos, . . . para que prosperes em tudo quanto fizeres, para onde quer que te voltares.” (I Reis 2:2-3.)

Irmãos, esta é a obra do Senhor. Ela jamais falhará. Continuará cada vez mais forte enquanto existirem homens que recebam o sacerdócio de Deus, andem nos seus caminhos, guardem seus estatutos, seus mandamentos, seus juízos e seus testemunhos.

Deus vos abençoe, amados irmãos. Deixo-vos meu testemunho da realidade e poder da autoridade que nos foi divinamente concedida. É uma investidura única em todo o mundo; um sacerdócio real. Chega-nos como uma dádiva de Deus, que pedirá a todos nós um relatório sobre como a utilizamos. Deixo-vos meu amor e minha bênção, em nome de Jesus Cristo, amém. □

Uma Oração no Estacionamento



ILUSTRADO POR DOUG FRYER

Nome não revelado

Lembro-me nitidamente daquela noite e admiro-me ao ver o quanto me desviara daquilo que eu sabia ser o certo. Lá estava eu, procurando alimento nas latas de lixo, atrás de um supermercado. Estava prestes a me suicidar, mas tinha medo de morrer. Extremamente assustado, refleti nas incríveis mudanças que permitira que ocorressem em minha vida.

Nascera num lar SUD e desde muito jovem freqüentara as reuniões da Igreja. Formei-me no seminário, desempenhei cargos de liderança e gostava muito de ser um membro ativo da Igreja.

Depois de me formar no segundo grau, ganhei uma bolsa de estudos para a Universidade Brigham Young, mas, ao invés de aceitá-la, decidi entrar para a equipe titular de beisebol de uma universidade de outro Estado. Sonhava tornar-me atleta profissional.

Na faculdade, experimentei um estilo de vida completamente diferente. As atitudes das pessoas eram diferentes da minha e descobri um complexo de filosofias variadas. Minha freqüência na Igreja diminuiu e meus padrões logo decaíram. A despeito dos longos anos como membro da Igreja, eu não era um verdadeiro discípulo de Jesus Cristo e ignorei completamente o Espírito do Senhor.

Novas idéias e tentações causaram-me profundo impacto. Comecei a experimentar drogas e a beber álcool, e a namorar uma moça que não era membro da Igreja. Até deixei a equipe de beisebol para arranjar um emprego, a fim de adquirir um carro para impressioná-la.

Ao me envolver mais com ela e com drogas, comecei a faltar às aulas. Não demorou muito para eu me tornar viciado. Em dois anos, não conseguia mais manter um emprego ou desempenhar uma função na sociedade normal. Fiquei sem dinheiro, doente e sem amigos nas praias de San Diego, Califórnia.

Naquela noite, no estacionamento do supermercado, ajoelhei-me. Com lágrimas rolando pelo rosto, implorei ajuda, esperando que o que eu aprendera quando criança fosse verdade, e que alguém me estivesse ouvindo.

De repente, um calor maravilhoso envolveu-me a cabeça, e depois todo o corpo. Senti o Espírito do Senhor com uma intensidade que jamais sentira antes. Uma calma confortadora me envolveu, e pela primeira vez em anos, senti paz.

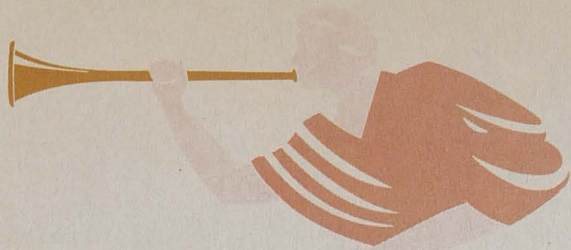
Quando me levantei, não sentia mais medo ou angústia. Sabia que minha oração desesperada e sincera, pedindo ajuda, fora respondida.

O caminho de volta foi longo, mas compensador. Voltei à atividade na Igreja e comecei um estudo sério das escrituras. Trabalhei por um certo tempo como diretor de um centro de reabilitação para drogados, no sul da Califórnia, e vi muitos serem ajudados pelo poder de Deus. Também vi outros que não deram ouvidos aos ensinamentos do Senhor afundarem-se cada vez mais no desespero e na degradação. Sofro por essas pessoas e sou grato ao Senhor por ter ouvido minha oração desesperada e respondido a ela. □

SEÇÃO INFANTIL

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • MAIO DE 1993





HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON



Amon, o Grande Servo



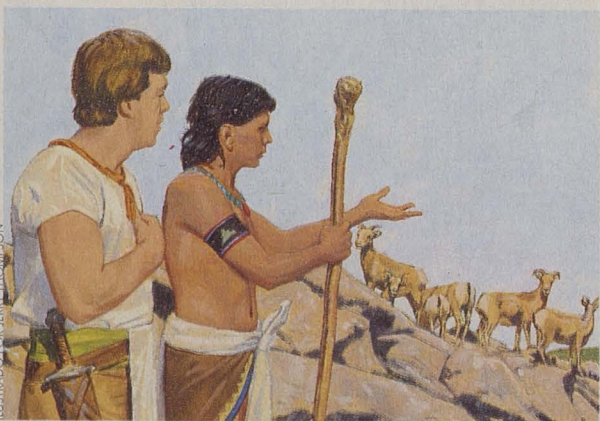
Os quatro filhos de Mosiah saíram de Zarahemla, a fim de pregar a palavra de Deus aos lamanitas. Cada um deles foi para uma cidade diferente.
Alma 17:12–13.



Amon foi para a terra de Ismael. Ao chegar, os lamanitas o amarraram e levaram-no ao seu rei, Lamoni.
Alma 17:20–21.



Amon disse ao Rei Lamoni que desejava viver com os lamanitas. Lamoni ficou satisfeito e ordenou a seus homens que desamarrassem Amon.
Alma 17:22–24.



Depois de dizer que seria servo do rei, Amon foi enviado para ajudar a vigiar os rebanhos do rei.
Alma 17:25.



Certo dia, quando Amon e outros servidores levavam os rebanhos para beber água, alguns ladrões lamanitas espantaram os animais, afim de roubá-los.
Alma 17:26–27, 18:7.

ILUSTRADO POR JERRY THOMPSON



Os outros servos que trabalhavam com Amon ficaram com medo. O Rei Lamoni havia matado outros servos que tinham perdido animais para esses ladrões.
Alma 17:28.



Amon sabia que esta era sua oportunidade de usar o poder de Deus para conquistar o coração dos lamanitas. Aí eles ouviriam seus ensinamentos.
Alma 17:29.



Amon disse aos outros servos que, se reunissem novamente os animais, o rei não os mataria.
Alma 17:31.



Amon e os outros servos rapidamente encontraram os animais e trouxeram-nos de volta para o local onde bebiam água.
Alma 17:32.



Quando os ladrões lamanitas voltaram, Amon disse aos outros servos que cercassem os rebanhos, enquanto ele iria lutar com os ladrões.
Alma 17:33.



Os ladrões lamanitas não tinham medo de Amon. Pensavam que seria fácil matá-lo.
Alma 17:34–35.

(Continua na página 14)



O TALENTO DE SHELLY

Debra Hadfield

Shelly gosta muito de pular. Pulava no parque. Saltitava quando ia da casa para a escola e quando de lá voltava. Saltitava para a casa da vizinha, a fim de visitar a irmã Jones. Pulava tanto, que suas amigas e a família a chamavam de "Pulinho".

No entanto, certo dia, Shelly voltou da escola muito devagar. Não tinha vontade de saltitar. As pernas pareciam pesadas quando subiu os degraus da varanda e abriu a porta da frente. Encontrou a mãe sentada à mesa da cozinha, escrevendo cartas.

"Oi, Shelly! Como foi a escola hoje?" perguntou a mãe, fazendo uma pausa para fechar um envelope.

Shelly não disse nada. Sentia lágrimas subindo-lhe aos olhos. *Oh, não, pensou, vou chorar outra vez.*

A mãe colou alguns selos nos envelopes. Depois, virou-se para Shelley: "O que há de errado, querida?"

Quando a mãe a abraçou, Shelley sentiu as lágrimas rolares pelo rosto. "Oh, mãe! Alguns dos meninos da escola disseram que eu sou burra. Será que eu sou?"

A mãe apertou-a mais contra si. "Não, Shelly, não é burra".

Shelly inclinou-se para trás e olhou para a mãe. A mãe tinha um modo de olhá-la que fazia com que se

sentisse compreendida. Sabia que a mãe a amava. "Então, por que tudo é tão difícil para mim? Sou sempre a última a terminar a lição de Matemática e o exercício de linguagem, e ainda assim dou mais respostas erradas do que todo o mundo". A mãe estendeu-lhe um lenço. Shelly soluçou. "Eu realmente tento, mãe! Tento mesmo! E você me ajuda a estudar toda noite. Então, por que é tão difícil para mim?"

A mãe puxou Shelly para mais perto e respondeu-lhe com uma pergunta: "Shelly, qual é o maior talento que uma pessoa pode ter?"

Shelly pensou. Lembrou-se de como seus irmãos adolescentes tocavam bem violino. Eles faziam parte da orquestra da escola. "É tocar violino?" perguntou.

"Não", disse a mãe. "Tocar violino não é o maior de todos os talentos. Pense novamente."

Ela pensou em como seu pai trabalhava bem com madeira. Gostava de observá-lo, enquanto fazia belos móveis. "É construir coisas?" perguntou.

A mãe sacudiu a cabeça. "Não, a marcenaria não é o maior talento. Pense mais um pouco".

Então Shelly se lembrou de como gostava de ouvir a mãe cantando os hinos da Primária para ela na hora de

dormir. Às vezes, quando Shelly não estava muito cansada depois de estudar, elas cantavam juntas. A mãe regia a música na Primária. Shelly gostava de aprender novos hinos com a mãe. "Cantar é o maior talento que uma pessoa pode ter?" perguntou Shelly.

"Não, Shelly. O talento na música é um grande talento, mas não é o maior de todos."

Shelly pensou em sua amiga Aubree. Geralmente ela terminava sua lição de Matemática e de linguagem antes de todos os outros da classe. Aubree não tinha que estudar depois das aulas; assim, tinha aulas de dança em várias tardes da semana. Ela dançava balé e sapateava. Aos sábados, Shelly gostava de visitar Aubree. Ela deixava que Shelly usasse uma de suas belas fantasias e ensinava-lhe alguns passos de dança.

"O maior de todos os talentos é a dança?", perguntou Shelly.

"Não, Shelly, não é a dança. Pense bem."

Shelley pensou. Então se lembrou de como lhe era difícil ler. Às vezes as letras pareciam dançar, ou mesmo desaparecer. "Oh, mãe, não é ler, é?"

A mãe deu-lhe um abraço. "Não, não é ler. Dançar, cantar, ler, fazer móveis e tocar instrumentos são todos grandes talentos, mas nada são comparados com o maior de todos os talentos. E, Shelly, você tem esse talento."

Shelly surpreendeu-se. "Não, mãe. Não há nada que eu faça realmente bem".

"Oh, sim, há. Tente fazer com que as pessoas sejam felizes. Você visita a irmã Jones quando volta da escola. Ela sente-se solitária morando sozinha, e você a anima. Ela me diz sempre como espera ansiosa suas visitas."

Shelly sorriu. Gostava da irmã Jones. Às vezes ela tocava harpa para Shelly ouvir. A irmã Jones até dissera que ensinaria Shelly a tocar, quando seus



ILUSTRADO POR JULIE F. YOUNG

braços crescessem o suficiente.

A mãe apertou Shelly mais uma vez contra si. “E quando nossa campainha toca, é a primeira a correr para abrir. Saúda a todos com um sorriso. Mesmo quando minhas amigas chegam, você lhes oferece um biscoito e sempre as convida para voltarem. Isso lhes dá alegria”.

Minha mãe tem razão, pensou Shelly. Eu realmente gosto de fazer com que as pessoas se sintam felizes.

“Shelly”, disse a mãe, “seu talento é o melhor de todos. Pode adivinhar agora qual é ele?”

Shelly ainda meneou a cabeça.

“Shelly, seu talento é o amor. Sabe como amar as pessoas, e isto é o maior de todos os talentos. Foi isso que Jesus ensinou. Todos os outros talentos — cantar, dançar,

fazer móveis, tocar instrumentos e mesmo ler — não significam muito, se você não souber amar.”

Shelly pensou um pouco mais e sacudiu a cabeça afirmativamente. Deu um beijo na mãe e abraçou-a fortemente. Então correu pelo corredor, a fim de trocar a roupa e ir brincar.

No dia seguinte, pouco antes de tocar a campainha de saída, um menino da classe de Shelly começou a caçoar dela outra vez. Mas Shelly apenas lhe deu um sorriso. *Posso não ser tão inteligente quanto você, pensou ela, mas, ainda assim, posso amá-lo; e Jesus disse que amar é a melhor de todas as coisas.*

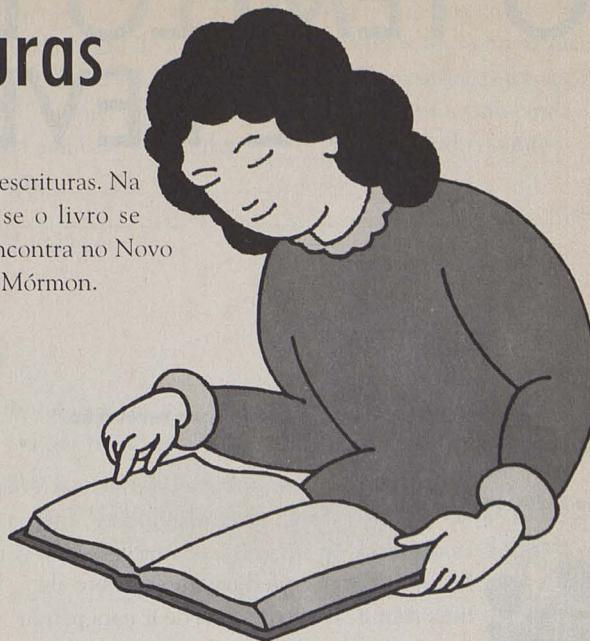
Ela então pôs os livros de Matemática e linguagem na mochila e foi pulando por todo o caminho de casa. □



Combinar as Escrituras

Ann Laemmlen Lewis e Jackie Owen
USADO COM PERMISSÃO DA DESERET BOOK COMPANY

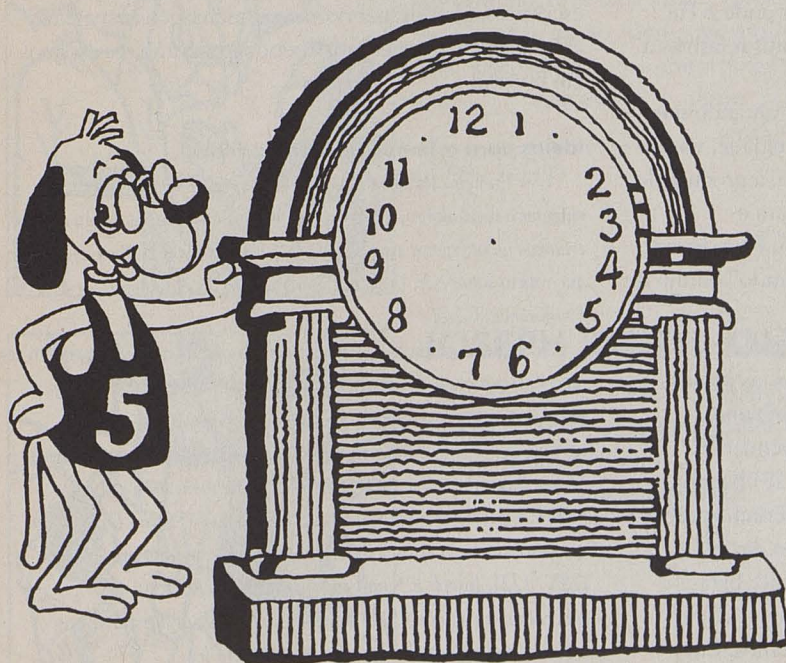
Aqui está uma lista de alguns dos livros encontrados nas escrituras. Na linha que se encontra junto a cada livro, escreva VT, se o livro se encontra no Velho Testamento. Escreva NT, se o livro se encontra no Novo Testamento. Escreva LM, se o livro se encontra no Livro de Mórmon.



- _____ ALMA
- _____ I PEDRO
- _____ ENOS
- _____ GÊNESIS
- _____ MARCOS
- _____ APOCALIPSE
- _____ AMÓS
- _____ MOSIAH
- _____ ESTER
- _____ PALAVRAS DE MÓRMON

- _____ LUCAS
- _____ OMNI
- _____ JONAS
- _____ RUTE
- _____ ATOS
- _____ JUDAS
- _____ 2 NÉFI
- _____ HABACUQUE
- _____ SALMOS
- _____ II TESSALONICENSES

- _____ NÚMEROS
- _____ JACÓ
- _____ TITO
- _____ HELAMÃ



Desafio do Relógio

José Antônio Contreras

Trace cinco linhas retas cruzando o mostrador do relógio, a fim de dividi-lo em seis pares de horas, cujas somas sejam sempre iguais.

Combinar as Escrituras: VT: Gênesis, Amós, Ester, Jonas, Rute, Habacuque, Salmos, Números, Mosiah, Apocalipse, Lucas, Atos, II Tessalonicenses, Judas, Tito, LM: Alma, Enos, Mosiah, Palavras de Mórmon, Omni, 2 Néfi, Jacó, Helamã.
Desafio do Relógio: Cada um das seguintes somas é igual a 13: 12+1; 11+2; 10+3; 9+4; 8+5; 7+6

O TEMPLO É UM LOCAL DE REVELAÇÃO

**“Se pedires, receberás revelação sobre revelação.”
(Doutrina e Convênios 42:61.)**

Judy Edwards



Se você tivesse uma dúvida séria sobre algo importante, aonde gostaria de ir para pensar e orar a respeito? Talvez desejasse ficar só em seu quarto, ou fora, em um local sossegado.

Quando o Presidente da Igreja tem uma pergunta séria sobre algo sagrado, ele gosta de ficar em um local tranqüilo, a fim de ponderar e orar. O templo é um lugar santo e cheio de paz, onde o Presidente da Igreja e outras pessoas dignas podem ir para receber orientação especial de nosso Pai Celeste. É um lugar onde o Pai Celestial se revela, ou responde a perguntas relativas a assuntos sagrados.

O Presidente Ezra Taft Benson disse: “Quando me sinto oprimido por um problema ou dificuldade, vou à casa do Senhor com uma oração no peito, à procura de respostas. Elas me chegam de maneira clara e inconfundível” (A Liahona, Seção Infantil, Pres. Ezra Taft Benson, “O Templo É um Lugar Sagrado”, junho de 1992, página 2).

Visto que o Presidente da Igreja é um profeta e revelador, ele recebe revelações para todas as pessoas e diz-nos o que o Pai Celestial deseja que saibamos.

Durante muitos anos, o Presidente Spencer W. Kimball orou ao Pai Celestial para saber se chegara o tempo em que todos os homens fiéis poderiam receber o sacerdócio. A resposta lhe foi revelada no dia 1º de junho de 1978, no Templo de Lago Salgado. Esta resposta é chamada de Declaração Oficial — 2, e é agora parte do livro de Doutrina e Convênios. Em parte, diz o seguinte: “(O Pai Celestial) ouviu nossas orações e, por revelação, confirmou que chegou o dia,

de há muito prometido, em que todo homem fiel e digno da Igreja pode receber o santo sacerdócio, com poderes para exercer sua autoridade divina e partilhar com seus entes queridos de toda bênção que dele deriva, incluindo-se as bênçãos do templo. Portanto, todos os membros dignos do sexo masculino da Igreja podem ser ordenados ao sacerdócio, sem levar em consideração sua raça ou cor”.

Somos gratos pelas revelações do Pai Celestial e pelos profetas que são dignos de receber essas mensagens!

Instruções

Ao ler estas histórias de pessoas que receberam revelações no templo, procurem as referências das escrituras, para descobrirem que mensagens especiais essas pessoas receberam; preencham, então, os espaços em branco.

Idéias para o Tempo de Compartilhar

1. A Primeira Presidência e o Conselho dos Doze são profetas, videntes e reveladores para a Igreja e para o mundo. Faça com que as crianças identifiquem esses homens em fotografias recentes e digam o que sabem sobre eles. (Veja o último número de A Liahona, — Conferência Geral.)

2. Ajude as crianças a compreenderem que as revelações podem ser recebidas por meio dos sussurros do Espírito Santo, visões, sonhos, e visitas, e que os profetas e outras pessoas dignas têm recebido revelações em outros lugares além do templo - por exemplo, Moisés no Monte Sinai (veja Êxodo 24:12, 16-18), Léhi em sua casa (veja 1 Néfi 1:5-8), Enos na floresta (veja Enos 1:1-5), Saulo (Paulo) em uma estrada (veja Atos 9:3-6), Joseph Smith em uma prisão (veja D&C 122), Joseph F. Smith em seu quarto (veja D&C 138: cabeçalho, versículos 1, 11). Depois de ouvir essas narrativas, as crianças poderiam fazer gravuras para ilustrá-las.

3. Recite a nona regra de fé; depois, leia e debata D&C 121:26-27 e Amós 3:7. □



SAMUEL

Quando escutou seu nome ser chamado certa noite no templo, o menino Samuel pensou que quem o estava chamando era Eli, o sumo sacerdote. Mas Eli sabia que era o Senhor falando a Samuel. Assim, Eli disse a Samuel que, na próxima vez que ouvisse a voz, dissesse: “Fala, Senhor, porque o teu servo ouve” (I Samuel 3:9). Samuel fez como Eli sugerira, e o Senhor tinha uma triste mensagem para Samuel: “Suscitarei _____ tudo quanto _____ contra _____: ...”
 “Porque já eu _____ que _____ para sempre” (I Samuel 3:12–13).



ZACARIAS

Havia, nos dias do rei Herodes, um sacerdote justo, cujo nome era Zacarias. Ele e sua mulher Isabel não tinham filhos.
 Certo dia, quando Zacarias, um sacerdote justo, estava servindo no templo, um anjo lhe apareceu. Inicialmente, Zacarias ficou com medo, mas o anjo lhe disse que não temesse, pois suas orações haviam sido ouvidas: “Tua _____ à luz _____, e lhe _____”
 (Lucas 1:13).



JOSEPH SMITH

No dia 21 de janeiro de 1836, enquanto Joseph Smith estava no Templo de Kirtland, teve uma visão. Viu o reino celestial e reconheceu ali várias pessoas. Seu irmão Alvin, que morreu antes de ser batizado, estava entre elas. Joseph perguntou como podia ser isso. A voz do Senhor disse: “Todos os que _____ sem um _____ deste _____, que o teriam _____ se lhes fosse _____, _____, serão _____ do reino _____”
 (D&C 137:7).



JOSEPH SMITH, OLIVER COWDERY

Joseph Smith e Oliver Cowdery estavam no Templo de Kirtland, no dia 3 de abril de 1836, quando o Senhor lhes apareceu com esta alegre mensagem sobre o templo: “Pois eis que _____ esta _____, e o meu nome _____; e _____ em misericórdia _____ ao _____” (D&C 110:7).

ÉLDER HORÁCIO

Entrevista com Élder Horácio A. Tenório, dos Setenta, por Beverly J. Ahlstrom.

Minha infância foi uma mistura de escola, diversão e trabalho — no México, é possível trabalhar-se em qualquer idade. Naqueles tempos eu ia à escola apenas parte do dia. Aos oito anos, trabalhava com minha mãe como ator, em um programa semanal de rádio. Aos nove fazia flores de plástico para o Natal. Aos dez, trabalhava em uma lavanderia. Andava de bicicleta pelas ruas, perguntando quem tinha roupas para lavar. E quando estava com quatorze anos, negociava stands para exposições.

Minha primeira etapa escolar foi o primário. No terceiro ano, recebi um prêmio especial por ser o melhor aluno da escola, mas quando fiquei mais velho e cursava o ginásio, não era mais um aluno tão bom.

Gostava muito de jogar beisebol, e o fazia diariamente. Por ser muito pequeno, as luvas de beisebol eram grandes demais para minha mão. Não tínhamos, naquela época, no México, luvas menores, só grandes. Assim, eu tinha que usar as grandes. Meu dedo mínimo é, atualmente, curto, porque o quebrei muitas vezes jogando beisebol. Eu simplesmente



fazia um curativo e continuava jogando. Meu treinador costumava dizer: “Quando Horácio pega a bola, ela nunca vai ao chão. Pode ser que a bola nocauteie Horácio, mas Horácio nunca deixa a bola cair.” Eu jogava em várias posições e acho que era bom, pois houve um jogo em que os adversários não fizeram nem um ponto. Jogava também futebol americano, mas tinha problemas, pois era bastante magro. Muitas vezes fui duramente atingido.

Mesmo assim, aprendi que nada que se deseje realmente fazer, é impossível de ser feito. Creio que aprendi essa lição com minha mãe. Ela era uma pessoa muito diferente. Trabalhava em propaganda no México, numa época em que poucas

mulheres trabalhavam em firmas.

Meu avô era militar, e foi general durante a Revolução Mexicana. Era um homem muito duro, mas amava-me. Ensinou-me a amar meu país e minha bandeira. Anualmente, no mês de setembro, nós celebrávamos o Dia da Independência Mexicana, na casa de meus avós. Realizávamos um grande jantar no dia 15 de setembro e íamos assistir ao desfile no dia 16.

Lembro-me de me hospedar na grande casa de meus avós. Fazíamos cinco refeições por dia. Pela manhã, tomávamos apenas chocolate quente e comíamos pão. O almoço era às onze horas e incluía pão, carne e feijão. O jantar era às duas ou três horas da tarde, e a ceia, só às onze da noite. As crianças não ficavam acordadas para a ceia.

No México, as crianças eram ensinadas a respeitar os adultos. Lembro-me de que, quando havia uma reunião da família, as crianças só podiam comparecer se fossem convidadas. Se uma criança desejava falar, tinha que pedir licença.

O Senhor me protegeu a vida. Aos dois anos, tive amebas no estômago. Esses seres microscópicos de meu estômago fizeram buracos em meus intestinos. Os médicos disseram que eu não tinha

A. TENÓRIO

possibilidade de viver, mas fiquei bom e fui curado.

Em outra ocasião, meu tio, que era apenas três anos mais velho que eu, colocou-me em um carrinho de bebê e levou-me para dar uma volta ao redor da casa. Havia, em frente da casa, uma estrada, e do lado dela, um canal de irrigação. Quando ele atravessou a estrada comigo, o carrinho escorregou para dentro do canal. Naquele dia, o canal estava vazio, mas meu tio não conseguiu tirar-me de lá. Minha mãe sentiu minha falta e começou a chamar-me. Quando me procurou na casa e não pôde encontrar-me, sentiu-se induzida a procurar na estrada e no canal. Ela nos encontrou e tirou-nos de lá, pouco antes que a água começasse a correr pelo canal. Se não tivesse dado ouvidos ao Espírito, meu tio e eu nos teríamos afogado.

Precisamos compreender que Deus vive e, sendo nosso Pai, nos ama. Ele não deseja que soframos nenhum mal. Testifico que nosso Mestre, nosso Pastor, é Cristo, nosso melhor Amigo, que esclarece todas as nossas dúvidas. Ele nos cura as feridas e transforma nossa dor em doces experiências. □



Com a mãe, em Delícias, México.

ALEXANDRA MARINA FERREIRA CALADO

DE PAREDE, PORTUGAL

Julie Wardell

A obra missionária dos santos dos últimos dias em Portugal só se iniciou depois da revolução política de 1974. Então, em janeiro de 1975, trinta pessoas assistiram à primeira reunião pública da Igreja, no Hotel Roma, em Lisboa. Alguns meses depois, o Presidente Thomas S. Monson foi a um monte perto de Sintra e dedicou Portugal para a obra missionária.

Alexandra, de dez anos, e sua família são gratos pela ida dos missionários a seu país. Há vários anos, os missionários bateram à sua porta, e a avó convidou-os a entrar. Devido a este contato, Alexandra, os pais (Rosa e Arnaldo) e o irmão Victor, assim como a avó, filiaram-se à Igreja. Quando Alexandra assistiu a uma reunião dos santos dos últimos dias pela primeira vez, sentiu-se mais à vontade ali do que em qualquer outra igreja. Mais tarde, quando foi batizada, teve a certeza de que era a coisa certa a ser feita. Alexandra sabia que poderia obter exaltação e voltar, um dia, para o Pai Celestial e Jesus.

Atualmente, a família é ativa na Ala de Oeiras, Estaca de Lisboa Portugal Oeiras. Alexandra e Victor gostam de assistir à reunião sacramental e à Primária. A irmã Ferreira é segunda conselheira na presidência da Primária. O hino favorito de Alexandra, quando canta na Primária, é "Meu Pai Celestial Me Ama". Gosta muito dos jogos que são feitos durante o Tempo de Compartilhar.

A escola também é uma parte importante da vida de

Alexandra. Matemática é a matéria de que mais gosta. Aprecia ler os livros da coleção "Casa Pequena"; 1 Néfi é seu livro de escrituras favorito.

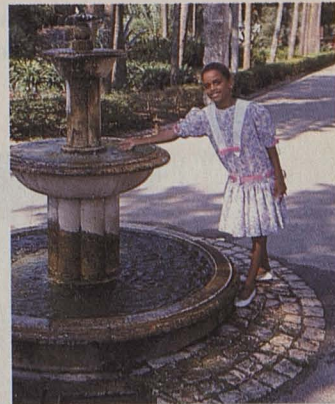
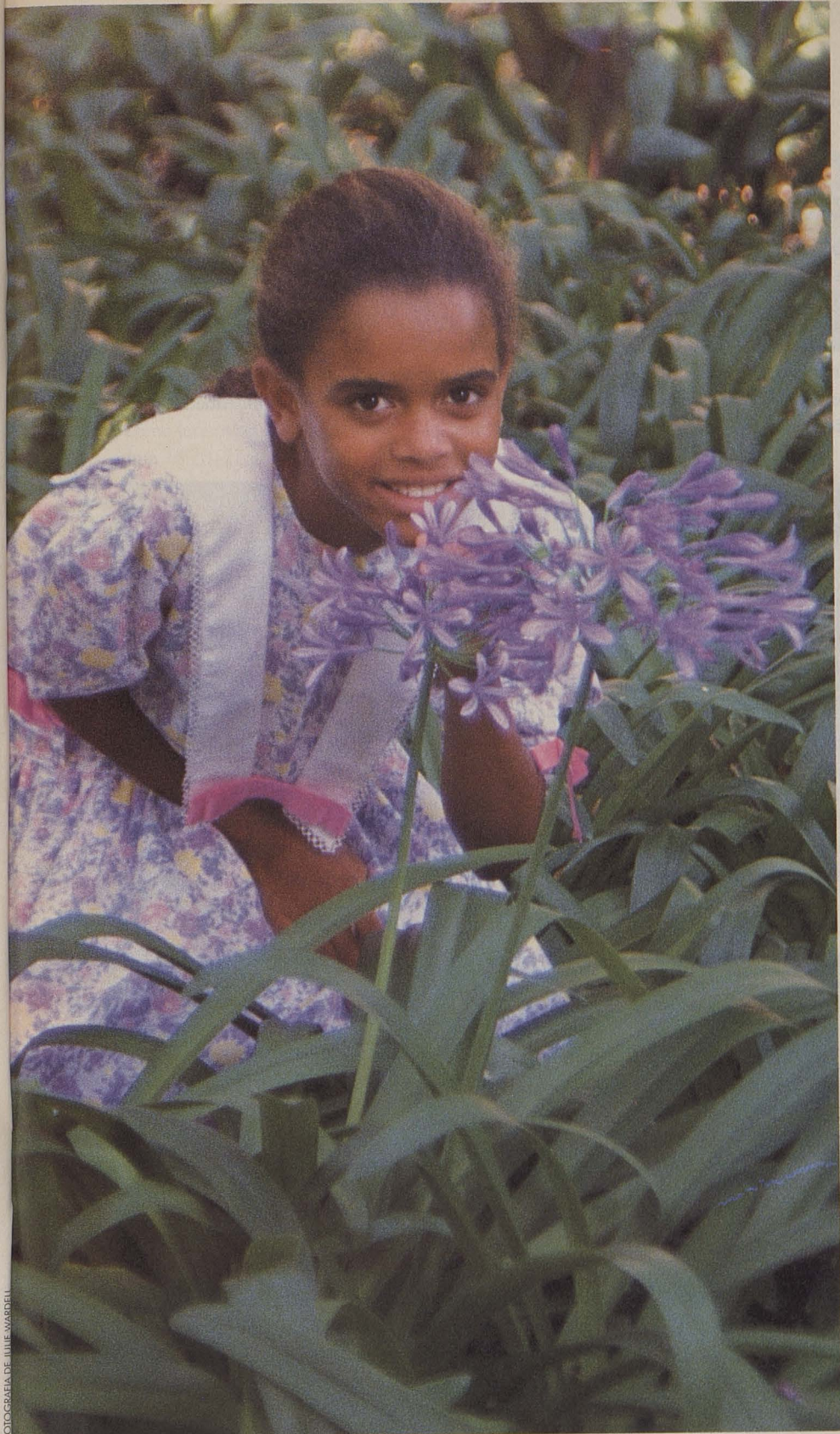
Uma menina ativa, Alexandra gosta de brincar com bonecas, brincar de casinha e jogar tênis. Sempre se diverte nadando na piscina de uma amiga. Um dia, ela gostaria de ter aulas de piano. Alexandra e o irmão gostam de andar de bicicleta e de patinar juntos.

Lavar a louça, tirar o pó e fazer a cama são algumas de suas tarefas. Gosta de preparar batatas fritas, arroz e ovos. Seu prato favorito é peixe cozido com repolho e batatas, temperados com vinagre e azeite de oliva.

Portugal é um belo país com ruas de paralelepípedos, telhados típicos e lindas praias. Alexandra e a família moram em um apartamento numa cidadezinha do litoral. Saem com frequência para caminhar na praia ou no parque. Todos apreciam a noite familiar, e Alexandra sempre gosta de fazer a oração. Também gosta de falar sobre o evangelho com a família. Sabe que a noite familiar é importante, e a ajudará a edificar seu testemunho. □

Além de apreciar a Primária, Alexandra, à direita, também gosta da beleza que a cerca.

Freqüentemente ela, o irmão Victor e os pais saem para caminhar na praia ou no parque.



FOTOGRAFIA DE JULIE WARDELL

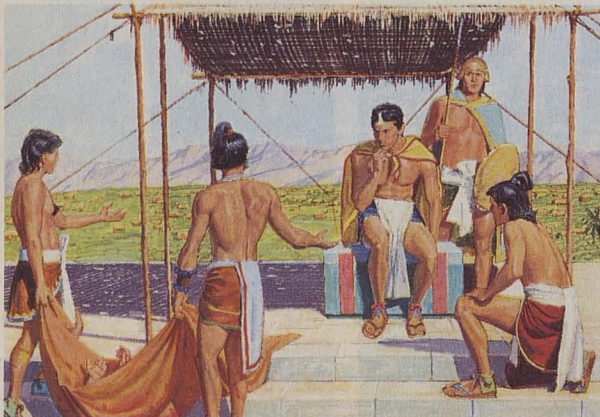
(Continuação da página 3)



O poder de Deus estava com Amon. Ele começou a apedrejá-los com uma funda e matou alguns deles. Isto fez com que os outros ficassem muito zangados. Alma 17:36.



Quando tentaram matar Amon, ele cortou o braço de cada homem que levantava o cajado para feri-lo. Amedrontados, os ladrões fugiram. Alma 17:37-38.



Os outros servos levaram os braços cortados ao Rei Lamoni e contaram-lhe o que Amon havia feito, e que grande poder possuía. Alma 17:39, 18:1.



Lamoni ficou admirado. Desejava ver Amon, mas tinha medo. Pensava que Amon era o Grande Espírito. Alma 18:2-4, 11.



Quando Amon foi vê-lo, o Rei Lamoni não sabia o que dizer. Ficou sem falar durante uma hora. Alma 18:14.



O Espírito Santo ajudou Amon a saber o que Lamoni estava pensando. Amon explicou que não era o Grande Espírito. Ele era apenas um homem. Alma 18:16-19.



O rei ofereceu a Amon qualquer coisa que ele quisesse, se lhe explicasse onde obtivera o poder para vencer os ladrões e como lera os seus pensamentos.
Alma 18:20–21.



Amon disse que só queria que Lamoni acreditasse em suas palavras. O rei disse que acreditaria em tudo que Amon lhe dissesse.
Alma 18:22–23.



Amon perguntou ao Rei se ele acreditava em Deus. Lamoni respondeu que acreditava em um Grande Espírito.
Alma 18:24–27.



Amon explicou que o Grande Espírito é Deus, que Deus criou todas as coisas que há na terra, e que ele conhece nossos pensamentos.
Alma 18:28–32.



O homem foi criado à imagem de Deus, continuou Amon. Disse que o Santo Espírito de Deus o chamara para ensinar o evangelho a Lamoni e seu povo.
Alma 18:34–35.

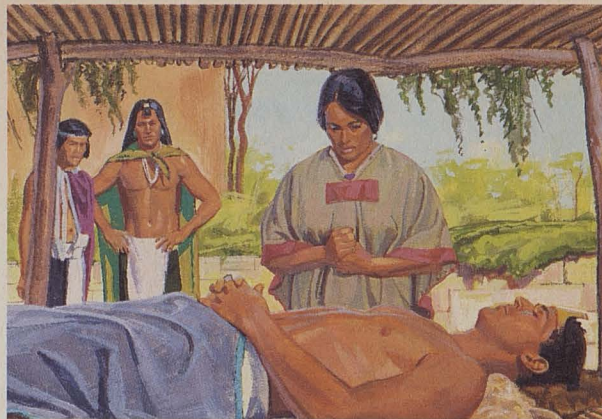


Amon usou as escrituras para ensinar Lamoni a respeito da criação da terra, de Adão, e de Jesus Cristo.
Alma 18:36, 39.



Lamoni acreditou em Amon e começou a orar pelo perdão de seus pecados. Então, caiu ao chão, como se estivesse morto.

Alma 18:40-42.



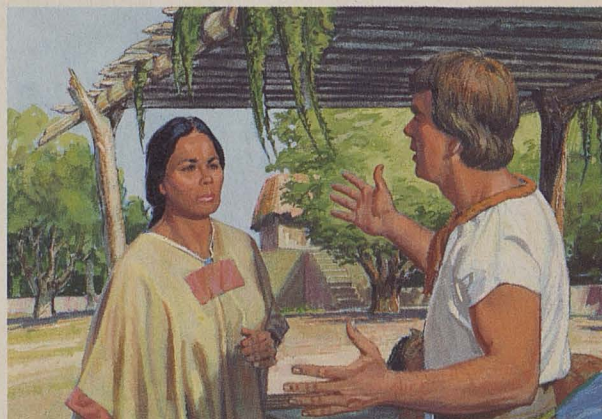
Os servos de Lamoni o carregaram para onde estava sua esposa e puseram-no sobre a cama. Depois de dois dias, pensaram que estivesse morto e decidiram sepultá-lo.

Alma 18:43; 19:1.



A esposa de Lamoni não acreditava que ele estivesse morto. Tendo ouvido falar do grande poder de Amon, ela lhe pediu que ajudasse Lamoni.

Alma 19:2-5.



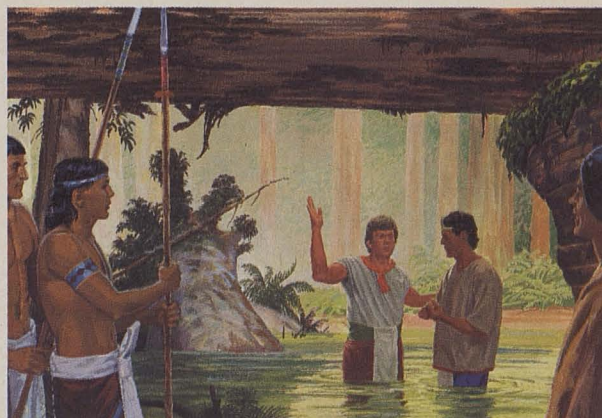
Sabendo que o poder de Deus estava com o rei, Amon lhe disse que Lamoni não estava morto, e que se levantaria no dia seguinte.

Alma 19:6-8.



Ela ficou ao lado da cama de Lamoni durante toda a noite. No dia seguinte, Lamoni levantou-se e disse que vira Jesus Cristo. O rei e a rainha encheram-se do Espírito Santo.

Alma 19:11-13.



Lamoni ensinou o povo a respeito de Deus e Jesus Cristo. Aqueles que creram, arrependeram-se dos pecados e foram batizados.

Alma 19:31-36.

A EDIFICAÇÃO DO REINO DE DEUS

As mulheres da Igreja devem ser firmes em propósito”, diz Elaine L. Jack, presidente geral da Sociedade de Socorro. “Devemos buscar primeiro o reino de Deus.”

Em meio aos variados desafios que enfrentamos, temos hoje a oportunidade de edificar o reino de Deus, desenvolvendo a fé e dedicando-nos ao próximo. Podemos mostrar compaixão pelos que nos cercam, servir à comunidade e desenvolver talentos individuais. Concentramos, assim, no reino de Deus, enquanto lidamos com os assuntos do mundo.

- *Quais são algumas das coisas que nos impedem de edificar o reino?*

- *Como podemos manter-nos concentrados em nosso objetivo?*

PODEMOS EDIFICAR O REINO DE DEUS POR MEIO DA BONDADE

O Novo Testamento fala sobre Dorcas de Jope, “uma discípula . . . cheia de boas obras”. Ela era conhecida e amada pelas “esmolas que fazia”. Quando morreu e foi lavada, puseram-na num quarto, “e todas as viúvas . . . (choravam) e (mostravam) as túnicas e vestidos que Dorcas fizera quando estava com elas”. O Apóstolo Pedro foi chamado e, depois de ajoelhar-se e orar para que se levantasse, “dando-lhe a mão, a levantou, e . . . apresentou-lha



ILUSTRADO POR LORI ANDERSON WING

viva” (Atos 9:36-41).

Ao realizarmos as tarefas diárias, podemos edificar o reino de Deus por meio de pequenos gestos de bondade, pois “de pequenas coisas provêm as grandes” (D&C 64:33). Sorrir enquanto esperamos o ônibus, ler com uma criança, dar um passeio com uma irmã idosa e defender causas justas na comunidade são maneiras simples de estabelecermos o reino de Deus.

Em Lucerna, na Suíça, todos os sábados de manhã a irmã Martha Stadelmann é uma das primeiras freguesas das bancas de flores na feira livre. Ela compra primeiro algumas rosas em miniatura, de um rosa forte e vívido e, depois, em outra banca, flores amarelas para duas amigas que comemoram seu aniversário na semana seguinte. Após o desjejum, enche um cesto com os ramalhetes de flores alegres, colocando também um pãozinho para outra amiga, em agradecimento por sua bela oração no último domingo. Em seguida, Martha sai

para visitar as irmãs. Ela espalha alegria em seu pequeno ramo suíço, lembrando-se de outras pessoas, pensando nelas e demonstrando consideração por meio de gestos de bondade.

- *Que pequeno gesto de bondade posso fazer hoje?*

EDIFICAMOS O REINO PRESTANDO TESTEMUNHO

Prestar testemunho em todas as horas e locais é outra maneira de edificarmos o reino. Podemos começar em casa e na vizinhança. Odalis Caba, de Bonao, na República Dominicana, diz: “Prestar testemunho não é como repartir uma laranja, que fica menor. Meu testemunho cresce quando o compartilho, e, por isso, sinto muita alegria”.

- *A quem posso prestar testemunho hoje?*

“TENDE BOM ÂNIMO”

O Senhor disse: “Tende bom ânimo . . . pois eu, o Senhor, estou convosco e convosco ficarei” (D&C 68:6). Fomos chamadas para servir a Deus numa época em que o adversário exerce uma crescente influência, mas as irmãs de Sião são destemidas, “porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação” (II Timóteo 1:7). □

AS DECISÕES DE UM JOVEM LORENZO SNOW

Arthur R. Bassett



Muitos jovens e moças da Igreja enfrentam questões religiosas seriamente, pela primeira vez, na adolescência e quando estão na casa dos vinte, quando têm de encarar decisões difíceis sobre missão, casamento, universidade, serviço militar e religião. Lorenzo Snow, o quinto Presidente da Igreja, defrontou-se com tais crises no início da vida adulta.

GRANDES PERSPECTIVAS

Lorenzo Snow foi um dos poucos líderes da Igreja de antigamente que teve oportunidade de freqüentar uma universidade. O jovem Lorenzo estudou no Colégio Oberlin, uma universidade presbiteriana de reputação nacional por suas idéias progressistas. Foi uma das primeiras universidades americanas a admitir jovens e rapazes em regime misto.

Em 1830, um grupo de rapazes preeminentes, que se haviam unido contra a escravatura, transferiu-se para Oberlin. Em 1836, persuadiram Charles Finney, um famoso ministro, a ir para Oberlin como professor de teologia. Tudo isso aconteceu no tempo em que Lorenzo Snow estudava nessa universidade.

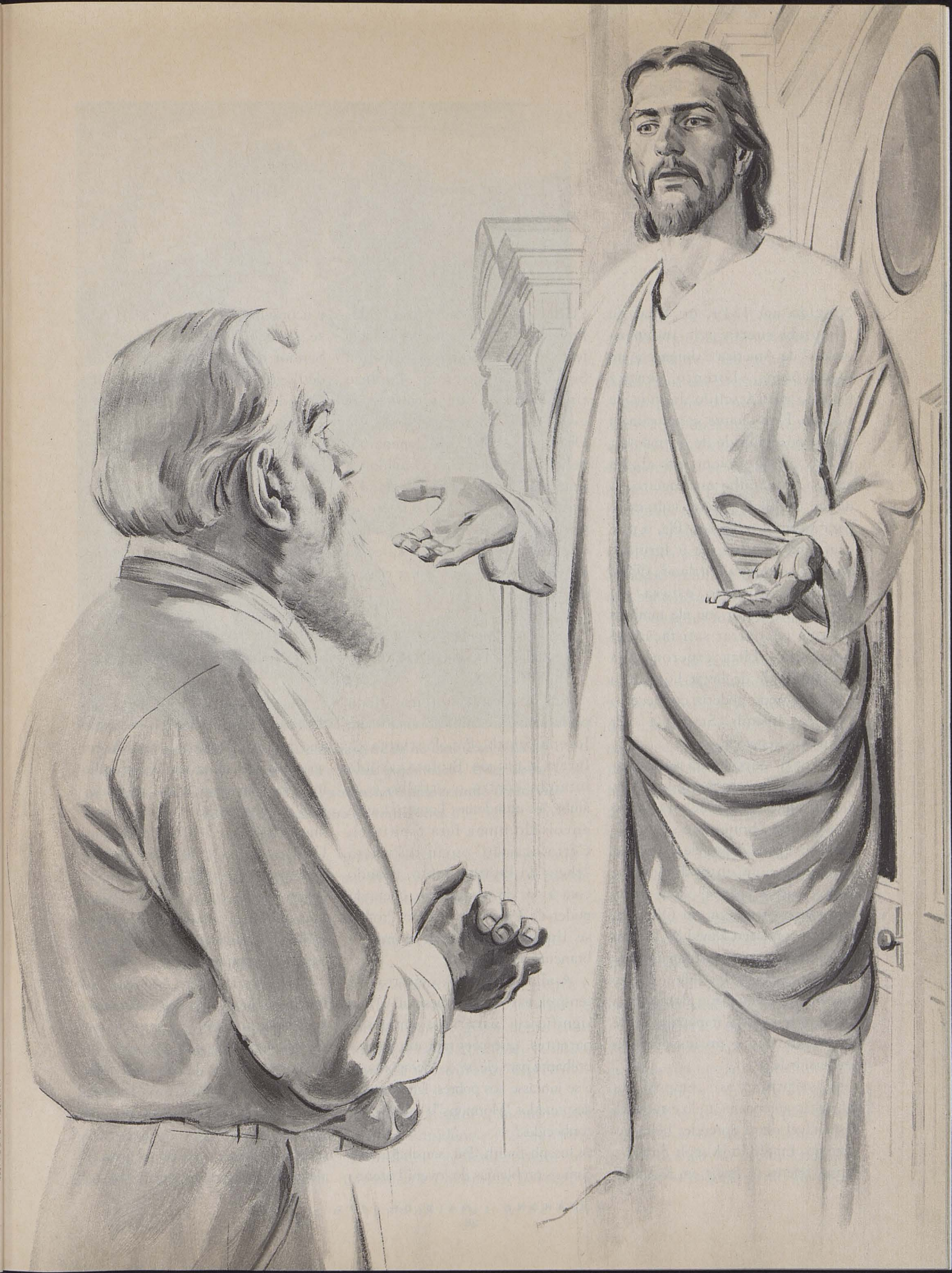
Lorenzo foi para Oberlin, "cheio de aspirações mundanas, grandes perspectivas e recursos financeiros para satisfazer minha ambição de adquirir uma educação universitária liberal". Vindo de família rica, tinha muitos amigos e parentes que esperavam ansiosamente que ele se tornasse uma pessoa de destaque. Um de seus conhecidos, William McKinley, tornou-se mais tarde Presidente dos Estados Unidos. Esperava-se que Lorenzo, como todo

jovem respeitável da época, desenvolvesse certo grau de devoção e interesse por assuntos religiosos. Observando o desenrolar dos acontecimentos no campus, contudo, escreveu à sua irmã Eliza: "Se não posso encontrar nada melhor do que o que tenho aqui no Colégio Oberlin, digo adeus a todas as religiões".

"UMA LUZ SURTIU NO MEU ENTENDIMENTO"

Eliza, sempre chegada ao irmão, preocupava-se com ele por causa do seu interesse em assuntos militares.

Para Lorenzo Snow, o clímax de uma vida de experiências espirituais começou quando o Salvador Ihe apareceu no Templo de Lago Salgado e falou com ele face a face.



Nascido em 1814, no final da “segunda guerra pela independência” da América e durante a era napoleônica, Lorenzo sentira atração pelo fascínio da vida de soldado. Eliza sempre se preocupava com a possibilidade de o irmão ser morto ainda jovem em algum campo de batalha estrangeiro. A mente de Eliza, porém, voltara-se para assuntos religiosos. Ela, a mãe e a irmã filiaram-se à Igreja e mudaram-se para Kirtland, Ohio, enquanto Lorenzo estava em Oberlin. Sentindo que ele também poderia encontrar satisfação no evangelho, Eliza esperou uma oportunidade de levar Lorenzo a Kirtland, onde poderia conhecer o Profeta Joseph Smith e ser influenciado por ele.

Lorenzo encontrara-se brevemente com Joseph Smith em 1831, em Hiram, Ohio, e achara que o Profeta era “honesto e sincero”. Naquela época, disse ele, “uma luz surgiu no meu entendimento e nunca mais se apagou”. Mais tarde, enquanto estudava em Oberlin, Lorenzo conheceu David W. Patten, um apóstolo, e conversou mais sobre o evangelho com ele. Como resultado, começou a defender a Igreja, tornando-se impopular entre os estudantes e professores da universidade.

Nos primeiros tempos da educação americana, todo estudante respeitável devia aprender hebraico e grego. Em 1836, Joseph Smith e outros líderes da Igreja em Kirtland,

Ohio, organizaram a “Escola dos Profetas” e contrataram um homem letrado em hebraico, Dr. Joshua Seixas, para ensiná-los. Lorenzo tinha acabado de terminar os estudos de línguas clássicas em Oberlin, mas ainda não dominava o hebraico; então, Eliza convidou o irmão mais novo a ir a Kirtland e estudar hebraico. Ele aceitou. Lorenzo, provavelmente, jamais imaginou a mudança que se efetuariaria em sua vida com a viagem a Kirtland.

UMA LUTA CONTRA O ORGULHO

Em Kirtland, Lorenzo ficou profundamente impressionado com Joseph Smith, Pai, Patriarca da Igreja e pai do Profeta. Ainda lutando contra o orgulho e as ambições mundanas, Lorenzo viu-se envolvido numa luta espiritual. Certa ocasião, ouviu o Profeta “cheio do Espírito Santo, falando com a voz de um arcanjo, cheio do poder de Deus”. A face do Profeta se iluminou até ficar como “a brancura da neve”.

A alma de Lorenzo mostrou-se sensível, mas a mente hesitou. O que significaria para seus amigos e parentes, que previam um futuro brilhante para ele, se os “desapontasse e se juntasse aos pobres, ignorantes e desprezados ‘Mórmons’”, como eram conhecidos?

Joseph Smith, Pai, sensibilizou-se com os problemas do jovem Lorenzo

e aconselhou-o certa ocasião: ‘Não se preocupe, tenha calma, e o Senhor lhe mostrará a veracidade desta grande obra dos últimos dias, levando-o a *procurar* ser batizado’. Este comentário surpreendeu o rapaz, mas ao continuar buscando o Senhor, cumpriu-se a promessa do Patriarca. Lorenzo foi batizado em 1836, aos vinte e dois anos de idade, mas ainda se sentia incompleto. Queria tirar todas as dúvidas; desejava uma confirmação maior do Espírito do que a que recebera anteriormente.

UM CONHECIMENTO PERFEITO

Duas ou três semanas depois do batismo, Lorenzo recebeu a certeza que desejava. Durante o período em que procurou obter seu testemunho inicial, retirava-se todas as noites para um bosque perto de sua casa, a fim de buscar o Senhor em oração. Uma noite, não teve nenhuma vontade de orar. Os céus, disse ele, eram como bronze sobre sua cabeça, mas embora não se sentisse inclinado a orar, dirigiu-se ao local em que costumava fazê-lo.

“Mal havia aberto os lábios na tentativa de orar”, disse ele mais tarde, “ouvi sobre a cabeça um ruído como o roçar de roupas de seda, e, de súbito, desceu sobre mim o Espírito de Deus, envolvendo totalmente minha pessoa, enchendo-me do topo da cabeça à sola dos pés e, oh!, quão grande alegria e felicidade eu senti! Não há



Durante quarenta e dois dias de tempestade no mar, com o navio oscilando devido a ventos fortes e ondas gigantescas, Élder Snow permaneceu calmo e cheio de paz, pois estava empenhado no serviço do Senhor, a caminho da Inglaterra.

palavras que descrevam a quase instantânea transição da nuvem de treva mental e espiritual, para o fulgor de luz e conhecimento de que Deus vive, que Jesus Cristo é o Filho de Deus e da restauração do Santo Sacerdócio e da plenitude do evangelho. Foi um batismo completo — uma imersão tangível . . . mais real e concreta em seus efeitos sobre cada parte do meu corpo, do que a imersão na água.”

Esse conhecimento foi muito mais importante para ele do que toda a riqueza e honra que o mundo poderia dar-lhe. Com fé, decidiu

unir-se aos santos e, como resposta à sua fé, o Senhor lhe deu a paz de espírito que desejava.

SEM BOLSA NEM ALFORJE

No entanto, nenhuma guerra é ganha numa única batalha, e Lorenzo Snow, assim como todo mundo, teve de continuar lutando, a fim de amadurecer espiritualmente.

Sidney Rigdon, membro da Primeira Presidência e ex-ministro, reconhecia a importância da educação e encorajou Lorenzo a

continuar os estudos. O ex-estudante de Oberlin, contudo, tinha agora outros objetivos em mente. Embora dissesse que era extremamente tímido e que pregar a outras pessoas o deixava profundamente preocupado, ainda assim foi tomado pelo desejo de compartilhar o evangelho com outras pessoas. Para ele, era a coisa mais importante que poderia fazer.

Na primavera de 1837, foi chamado para ser missionário e começou sozinho a pregar em Ohio, sem bolsa nem alforje. Essa seria uma das provações mais difíceis de sua vida.

“Foi . . . um teste duro para minha natureza independente sair sem bolsa nem alforje — especialmente sem a bolsa”, disse ele, “pois, desde o tempo em que tinha idade suficiente para trabalhar, a atitude de ‘eu pago minhas contas’ parecia uma parte necessária do meu respeito próprio, e nada senão um conhecimento absoluto de que Deus requeria isso agora, como fizera antes com os seus servos, os discípulos de Jesus, poderia induzir-me a prosseguir dependendo dos outros para suprir minhas necessidades básicas. Meu dever com relação a isso era claro para mim e eu estava decidido a cumpri-lo.”

Preocupado, mas confiando no Senhor, Élder Snow embarcou para sua primeira missão. Visitou uma tia, depois viajou cerca de 50 quilômetros. Logo que o sol se pôs, fez sua primeira visita oficial como élder mórmon, e não lhe deram abrigo. Fez oito visitas naquela noite, até que o

hospedaram — "indo para a cama sem jantar e partindo de manhã sem desjejum". Esse foi seu primeiro contato com a obra missionária, mas recusou-se a render-se ao desânimo. Cumpriu uma missão honrosa no seu Estado, batizando alguns parentes e amigos; depois, mudou-se com os santos para Missouri.

MAIS MISSÕES

No outono de 1838, o espírito missionário começou a pressioná-lo de tal forma, que ansiava empenhar-se novamente na obra, embora tivesse estado doente boa parte do verão. Suas forças se haviam esgotado, mas sentia que se fizesse um esforço para embarcar no serviço do Senhor, Deus lhe daria a força necessária. Assim, quando chegou o chamado, saiu para compartilhar o evangelho, contrariando os conselhos e desejos dos pais. A princípio, conseguia andar apenas curtas distâncias, e precisava sentar-se para descansar. Gradualmente, porém, as forças lhe voltaram e sua saúde foi completamente restabelecida.

Durante essa viagem missionária, Lorenzo trabalhou em quatro Estados. Depois, em fevereiro, esteve em Kentucky, preparando-se para voltar para casa — uma viagem de mais de 800 quilômetros, em meio a neve profunda. Com apenas alguns trocados no bolso, tinha grande fé em que o Senhor proveria

suas necessidades.

Essa viagem de volta foi difícil. Durante a maior parte da jornada, suas meias ficaram encharcadas de lama, neve e chuva, e teria sido bom se tivesse encontrado uma pousada para dormir perto do fogo. A viagem fez o jovem missionário perder muito peso e, ao retornar para casa e para os entes queridos, não o reconheceram. Sob os cuidados deles, Lorenzo desfaleceu e foi acometido de uma febre muito alta, permanecendo acamado por muitos dias.

CHEIO DE PAZ

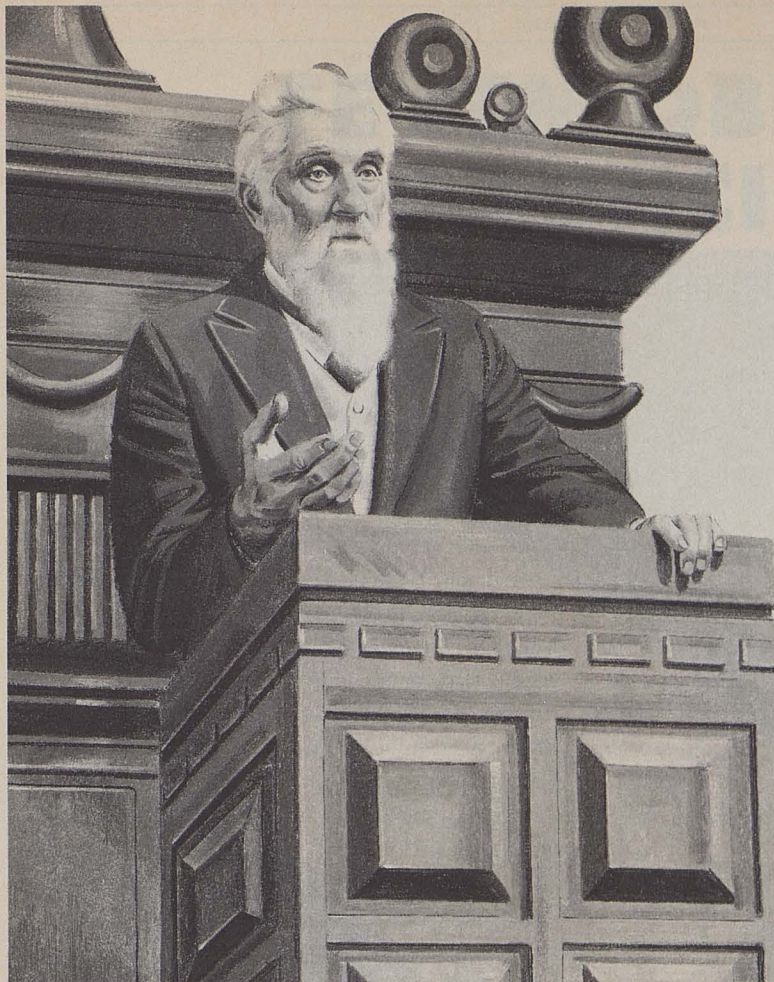
Essas foram as missões do início do ministério de Lorenzo Snow — e o começo de muitas outras. No ano seguinte, foi à Grã Bretanha. Esteve no mar durante quarenta e dois dias tempestuosos, os quais descreveu para a tia:

"Veja-me em sua vívida imaginação, numa dessas tempestades terríveis, sentado num grande barril de água, agarrado com ambas as mãos a uma corda próxima . . . o navio oscilando, arremessando-se rápida e violentamente de um lado para outro — de vez em quando uma onda gigantesca avança sobre a amurada, dando um banho em todos que lá estão — veja, sentado perto de mim, um homem chorando amargamente, com o medo na fisionomia — no momento seguinte, uma onda bate violentamente sobre a amurada, arremessando-o para

longe de sua cadeira . . . para o lado oposto, de onde se levanta com um braço quebrado e completamente encharcado." Embaixo, caixas se soltavam e rolavam sobre mulheres e crianças que gemiam e choravam. Em meio a tudo isso, porém, Élder Snow estava cheio de paz, por se achar empenhado no serviço do Senhor.

Essa cena foi muito parecida com uma vivida pelo Apóstolo Paulo. (Vide Atos 27.) Sem dúvida, muito em Lorenzo Snow se assemelhava a Paulo, em termos de trabalho missionário. A missão de Élder Snow à Grã-Bretanha foi seguida de muitos outros anos de obra missionária. Como apóstolo, abriu o trabalho missionário na Itália, na Suíça e em Malta, e supervisionou a tradução do Livro de Mórmon para o italiano. Mais tarde, serviu nos estados do noroeste dos Estados Unidos, no Havaí e na Palestina. Antes de terminar as missões, havia cruzado o oceano oito vezes, viajado mais de 240.000 quilômetros, custeando suas próprias despesas durante todo o tempo.

Em setembro de 1898, com oitenta e quatro anos, Lorenzo Snow tornou-se o quinto Presidente da Igreja. O Presidente Snow deve ser lembrado por muitas coisas: por seu cavalheirismo e maneiras refinadas, pelo profundo comprometimento espiritual para com o Senhor, pela grande habilidade como colonizador e legislador, e por seu trabalho como educador. Deve



Talvez a maior contribuição da presidência de Lorenzo Snow tenha sido sua insistência no pagamento dos dízimos, que, como corretamente profetizado, solucionaria o pesado fardo de dívidas que a Igreja carregava.

ser especialmente lembrado como missionário. Um dos aspectos mais importantes de sua administração foi o incentivo à obra missionária em todo o mundo. Enviou rapazes para cumprirem missão de estaca por cinco ou seis meses, designou o Élder Heber J. Grant para iniciar a pregação do evangelho no Japão e falou em levar o evangelho à Rússia, Áustria e América Latina. Durante o primeiro ano de sua administração, enviou mais de mil missionários ao mundo para trabalharem — um número jamais

alcançado antes, na história da Igreja, e que não se repetiu durante vinte anos.

“UM DÍZIMO COMPLETO E PAGO HONESTAMENTE”

Talvez a maior contribuição do ministério de Lorenzo Snow como Presidente da Igreja tenha sido a ênfase ao pagamento do dízimo pelos santos dos últimos dias, que permitiu à Igreja tornar-se financeiramente independente. Em 1898, a Igreja tinha muitas dívidas, porque o

governo dos Estados Unidos confiscara a maior parte de suas propriedades, devido ao problema do casamento plural. Em 1899, o Presidente Snow disse aos membros da Igreja: “Esta é a resposta aos nossos problemas financeiros. Embora como Igreja estejamos em grande débito, digo-vos que, se este povo pagar o dízimo completa e honestamente, os grilhões da dívida serão tirados de nós”. Os santos reagiram com lealdade a este pronunciamento e as dívidas da Igreja foram saldadas antes da morte do Presidente Snow.

“FACE A FACE”

Para Lorenzo Snow, o clímax de uma vida de experiências espirituais começou depois da morte do Presidente Wilford Woodruff. O Presidente Snow, que então era Presidente do Quorum dos Doze, foi ao Templo de Lago Salgado. Vestido com as roupas do templo, ajoelhou-se para orar, lembrando ao Senhor que ele freqüentemente orava para que o Presidente Woodruff vivesse mais tempo do que ele, a fim de não ter de arcar com as pesadas responsabilidades de Presidente da Igreja. Depois disse ao Senhor que faria qualquer coisa que dele fosse requerida.

Terminada a oração, o Presidente Snow aguardou uma resposta do Senhor, mas nada aconteceu. Mais tarde, quando caminhava por um corredor, uma manifestação gloriosa

de repente se abriu diante dele: O Senhor Jesus Cristo lhe apareceu. O Presidente Snow falou mais tarde à sua neta sobre essa experiência, mostrando-lhe o local do templo onde tudo ocorrera. Ela escreveu:

“Vovô deu mais um passo e estendeu a mão esquerda e disse: ‘Ele ficou bem ali, cerca de um metro acima do solo. Parecia que estava sobre uma placa de ouro sólido’.

Vovô me disse que personagem glorioso era o Salvador e descreveu suas mãos, pés, semblante e belas vestes brancas, tudo de uma brancura e de um brilho tão glorioso, que mal podia olhar para ele.

Então deu mais um passo e colocou-me a mão direita sobre a cabeça, dizendo: ‘Bem, minha neta, quero que se lembre de que este é o testemunho de seu avô, que ele contou com os próprios lábios que realmente viu o Salvador, aqui no Templo, e falou com ele face a face.’”

Alguém poderia pensar o que teria acontecido se Lorenzo Snow, como jovem estudante universitário, tivesse decidido que religião não era para ele. □

FONTES

1. Eliza R. Snow, *Biography and Family Record of Lorenzo Snow*, Salt Lake City, 1884.
2. LeRoi C. Snow, “An Experience of My Father’s”, *Improvement Era*, setembro de 1933, páginas 677–79.
3. Francis M. Gibbons, *Lorenzo Snow, Spiritual Giant, Prophet of God*, Salt Lake City, 1982.
4. “Lorenzo Snow”, *Encyclopedia of Mormonism*, New York: Macmillan Publishing Company, 1992.

Destaques da Vida de Lorenzo Snow, 1814–1901

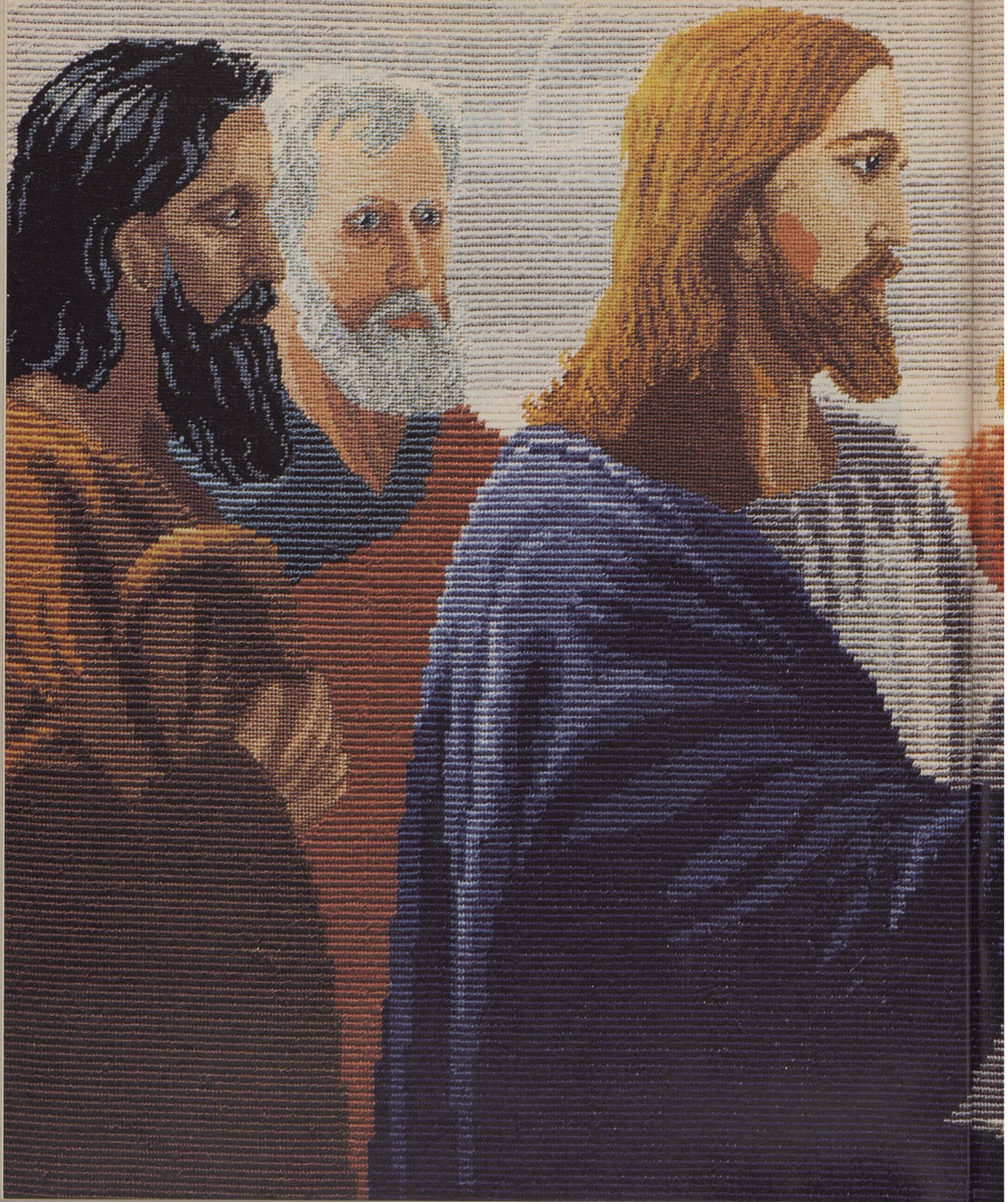
Ano	Idade	Evento
1814	—	3 de abril: Nasce em Mântua, Ohio.
1831	17	A mãe e a irmã unem-se à Igreja; ouve Joseph Smith falar.
1835	21	Entra para o Colégio Oberlin; a irmã, Eliza, une-se à Igreja.
1836	22	Freqüenta a escola de hebraico em Kirtland; É batizado em 19 de junho.
1837	23	Faz missão em Ohio.
1838–39	24–25	Muda-se para Far West, Missouri; faz missão no Meio-Oeste americano.
1840–43	26–29	Faz missão na Grã-Bretanha; apresenta o Livro de Mórmon à rainha Vitória.
1845	31	Casa-se.
1846–48	32–34	Atravessa as planícies em direção ao Grande Vale do Lago Salgado.
1849	35	12 de fevereiro: É ordenado Apóstolo.
1849–52	35–38	Faz missão na Europa, inaugurando o trabalho na Itália, Suíça e Malta.
1852–81	38–67	É eleito para a legislatura de Utah; serve durante vinte e nove anos.
1853	39	É chamado para presidir a colonização de Brigham City, Utah.
1864	50	Faz missão de curto prazo no Havaí.
1872–73	58–59	Viaja para a Palestina; participa da segunda dedicação da terra para a volta dos judeus.
1872–82	58–68	Serve como presidente do Conselho Territorial de Utah.
1873–77	59–63	Serve como conselheiro do Presidente Brigham Young.
1885	71	Faz missão entre os índios americanos no noroeste dos Estados Unidos.
1886–87	72–73	Cumprir pena de onze meses por praticar o casamento plural.
1889	75	Abril: Torna-se presidente do Quorum dos Doze Apóstolos.
1893	79	Torna-se presidente do Templo de Lago Salgado.
1898	84	13 de setembro: É apoiado como quinto Presidente da Igreja.
1899	85	Dá nova ênfase ao dízimo em toda a Igreja.
1901	87	10 de outubro: Morre na Cidade do Lago Salgado.

FÊ SEM OBRAS NÃO FUNCIONA



FOTOGRAFIA DE JOHN LUIKE

Fê sem obras é como um barco sem remos: não vai a lugar nenhum. Assim, pare de ir à deriva e comece a remar. Caso contrário, ficará parado na água. (Veja Tiago 2:17-18.)





• DAS •
MÃOS
E DO
CORAÇÃO

Marjorie Draper Conder

Nestes acolchoados e tecidos, os artistas santos dos últimos dias expressaram seu testemunho, com o uso de agulha e linha.

.....
EIS QUE O SEMEADOR
SAIU A SEMEAR”,
ponto de cruz, 1988, de
Katharina Bulla, de Aalen,
Alemanha. “E falou-lhe de muitas
coisas por parábolas, dizendo: Eis
que o semeador saiu a
semear” (Mateus 13:3).

Ponto de cruz é um bordado
feito sobre tela usando-se pontos
simples e regulares contados e
cruzados. É um trabalho lento, e o
resultado é um desenho ou quadro
firmemente tecido e de grande
durabilidade.

Lyn Daugherty, de Sandy, Oregon, leu, em Gênesis, 37:3, esta história: "E Israel amava a José . . . e fez-lhe uma túnica de várias cores". Reconhecendo que essa túnica simbolizava uma ligação especial entre pai e filho, Irmã Daugherty fez um casaco, (*à direita*) para sua mãe, que representava o elo natural entre elas, como mãe e filha modernas.

Assim como Irmã Daugherty, muitos artistas utilizam pano, agulha e linha para criar trabalhos artísticos e úteis. Tais artistas são, geralmente, donas de casa que fazem roupas para a família e usam tecidos para decorar a casa. Embelezando criações úteis, elas produzem arte. Embora as artes têxteis tenham sido tradicionalmente criadas por mulheres, os homens também estão, na atualidade, usando esses recursos.

Os artistas têxteis, como outros artistas populares, freqüentemente usam imagens encontradas em

trabalhos artísticos já existentes. Consideram isso como um elogio ao artista original. Os artistas populares santos dos últimos dias também usam, com freqüência, imagens familiares: Cristo, o templo, a família, os missionários e histórias das escrituras. Embora a perspectiva criadora de cada um seja diferente, as imagens familiares conhecidas lhes permitem dizer, por meio de seu

trabalho: "Sou, também, membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias."

Cada vez que um artista recria uma imagem conhecida, usando materiais diferentes, em combinação com elementos de sua própria cultura, surge uma nova imagem. O bordado filipino denominado "As Famílias São Eternas" (p. 39) é um exemplo. Vemos aqui uma imagem que nos é familiar, o Templo de Lago Salgado, mas a cultura do artista se reflete na palmeira e nas cores vivas.

À medida que a Igreja continuar a expandir-se por todo o mundo, a arte dos santos dos últimos dias representará o testemunho dos artistas sobre o evangelho, e haverá uma diversidade crescente de expressões culturais.

Marjorie Draper Conder é a administradora do Museu de História e Arte da Igreja.



"DEDICAÇÃO", casaco de retalhos, 1988, de Lyn Daugherty, de Sandy, Oregon.

"E Israel amava a José . . . e fez-lhe uma túnica de várias cores" (Gênesis 37:3). A Irmã Daugherty fez este casaco de retalhos para o septuagésimo aniversário de sua mãe. Primeiro, juntou uma variedade de tecidos e cortou-os em pedaços pequenos, costurando-os, então, um ao outro, para formar um desenho com os retalhos. Cortou, depois, nesse pano, a parte da frente do casaco, as costas, as mangas, e assim por diante. Então, acolchoou cada parte do casaco antes de uni-los, e montou a peça. Este trabalho de juntar retalhos formando um desenho tem sua origem na antiga história dos Estados Unidos. Os pioneiros procuravam aproveitar o máximo de seus recursos, recortando tecidos de roupas usadas e costurando os retalhos para fazer colchas ou roupas. Acabaram chegando a desenhos e trabalhos intrincados.

**O MILAGRE
DAS GAIVOTAS,**
acolchoado, 1990, de
Marva E. Dalebout,
de St. George, Utah. "Com
a minha voz clamei ao
Senhor, ele ouviu-me"
(Salmos 3:4).

Este desenho representa a
preservação das colheitas dos
pioneiros diante da nuvem de
gafanhotos, pela aparição
miraculosa de gaivotas, que
devoraram os insetos.



ABRAÃO, PAI DOS FIÉIS, aplique, 1990, de Ruth Dubrez, de
Englewood, Colorado.

"E eu os abençoarei através de teu nome (de Abraão); pois quantos receberem este
evangelho, serão chamados segundo teu nome, e serão contados entre tua semente, e se
levantarão e te abençoarão, como seu pai" (Abraão 2:10).

No aplique se costuram pedaços de vários tamanhos de tecido sobre um maior. A Irmã
Dubrez ilustrou vividamente o estilo nômade de vida de Abraão, usando tecidos com
enorme variedade de texturas, cores e padronagens.



TEMPLO DE NAUVOO, ponto de cruz, 1986, de Helga Steffel, de Ostfriesland, Alemanha.

"Que seja esta casa construída em meu nome, para que nela eu possa revelar ao meu povo as minhas ordenanças."

(D&C 124:40.)

Este bordado é versão de uma pintura de Steven T. Baird, o Templo de Nauvoo, Representação no. 1. A Irnã Steffel bordou esta obra de arte com lã e fio sintético. Os pontos firmes e cheios do ponto de cruz mostram claramente os detalhes angulares do edifício.

APÓS O DILÚVIO,
suéter de tricô, 1990, de
Marceline Bruvo, de
Lausanne, Suíça. "E
lembrou-se Deus de Noé, e
de todo o animal, . . . e Deus
fez passar um vento sobre a
terra, e aquietam-se as
águas.

"E disse Deus: . . . O meu
arco tenho posto na nuvem;
este será por sinal do
concerto entre mim e a
terra." (Gênesis 8:1,
9:12-13.)



AS FAMÍLIAS SÃO ETERNAS, bordado, 1990, de Lourdes de
Samson, de Bataan, Filipinas.

"O Profeta Elias deveria plantar nos corações dos filhos as
promessas feitas aos pais.

"Prognosticando a grande obra a ser feita no templo do Senhor na
dispensação da plenitude dos tempos, para a redenção dos mortos e
o selamento dos filhos aos pais, para que toda a terra não seja ferida
com uma maldição e totalmente destruída na sua vinda."

(D&C 138: 47-48).

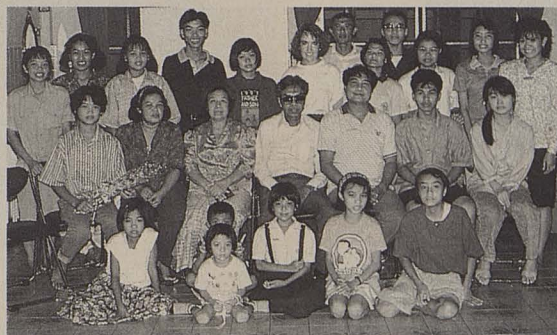
O trabalho da Irmã Samson reflete seu júbilo
quanto ao poder selador do sacerdócio, um poder que se encontra
no templo, e também quanto à perspectiva de se viver para
sempre com a família. □



FOTOGRAFIA DE DAVID MITCHELL

OS SANTOS DA TAILÂNDIA

David Mitchell



“Fui batizado em um rio, às cinco da manhã. A água estava muito fria, mas eu me sentia aquecido. Era um sentimento muito bom.”

Relembrando sua conversão ao evangelho de Jesus Cristo, há vinte e dois anos, Kriangkrai Pitakpong, presidente do Distrito Khon Kaen, relata experiências semelhantes às desfrutadas pelos quase quatro mil conversos à Igreja na bela Tailândia.

Ao sul da China e rodeada por Burma, Laos, Camboja e Malásia, a Tailândia é uma nação asiática que nunca foi colonizada por nenhum país europeu, um dado histórico refletido pelo seu nome, que significa “Terra dos Livres”.

O primeiro missionário SUD nesse país tradicionalmente budista foi o élder Elam Luddington. Ele chegou à capital, Bancoc, em abril de 1854, e saiu de lá em julho do mesmo ano. Mais de cem anos depois, em novembro de 1966, o país foi dedicado à obra missionária

pelo Élder Gordon B. Hinckley. Depois de dois anos de negociações entre a Igreja e o governo da Tailândia, seis missionários foram transferidos para lá, provenientes da Missão Extremo Oriente Sul. Em 1969, a Tailândia tornou-se parte da nova Missão Sudeste da Ásia; e, em julho de 1973, foi organizada a Missão Tailândia. Há, atualmente, noventa missionários de tempo integral, vinte dos quais são tailandeses.

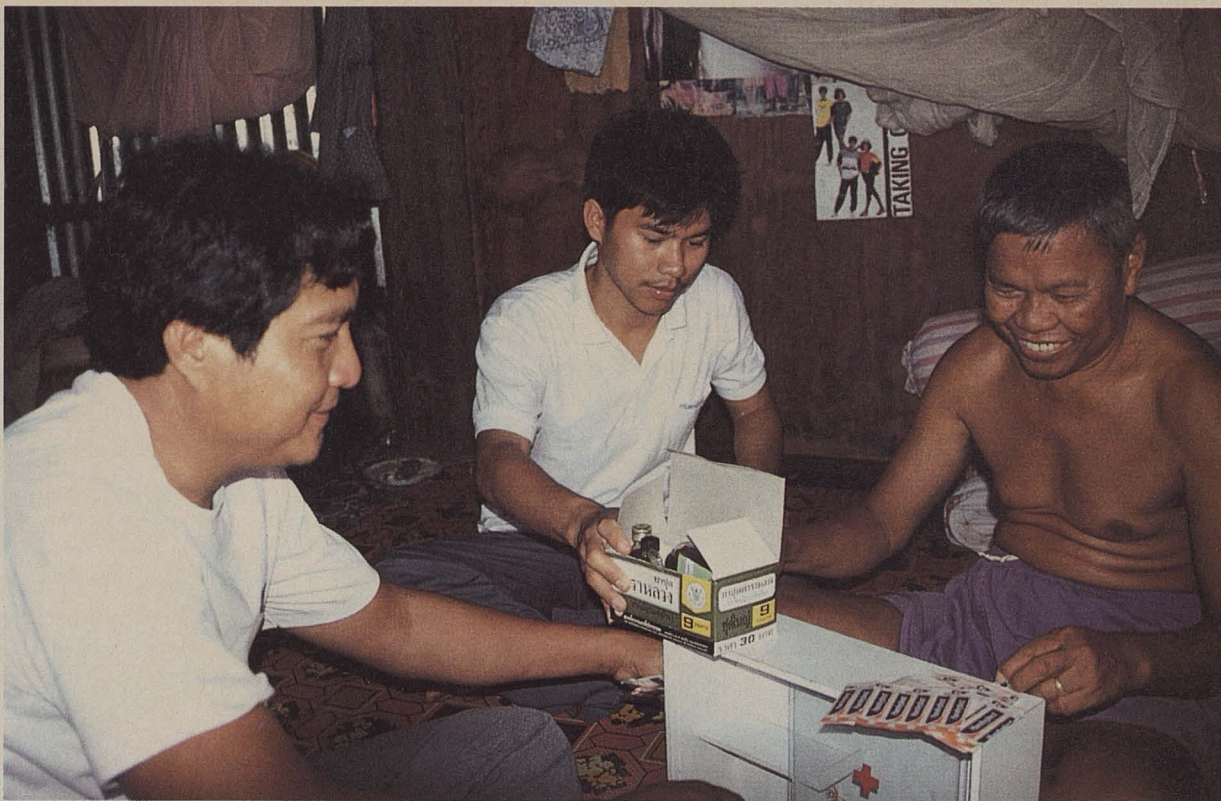
Visto que não é permitido o proselitismo na Tailândia, a maioria dos pesquisadores são indicados por referência dos membros. Outros, como Kriangkrai Pitakpong, ficam curiosos quando vêem os missionários. “Eu costumava ver os missionários passarem de bicicleta e imaginava quem seriam e o que faziam. Quando, finalmente, entrei em contato com eles, aceitei o convite para assistir às suas aulas de inglês. Comecei, então, a estudar o evangelho e a ler o Livro de Mórmon. Fui batizado em outubro de 1970, quando tinha dezenove anos.”

BÊNÇÃOS E DESAFIOS

Esquerda: O presente do Livro de Mórmon levou a irmã Wannipha Thongchalerm e seus filhos, Ariza, de 4 anos, e Aachanoon, de 3, ao evangelho.

Acima: Membros do Ramo Khon Kaen participaram recentemente de uma reunião social cheia de atividades.

Obter um testemunho e ser batizado foram alguns dos eventos importantes da vida de Kriangkrai Pitakpong. Outros acontecimentos relevantes incluem seu casamento com Mukdahan, a quem levou para a Igreja; seus chamados como presidente do ramo Khon Kaen e,



O Presidente Kriangkrai, à esquerda, e Silapachai Traachew, da presidência do Ramo Khon Kaen, entregam suprimentos de primeiros socorros a Dangchai Sasud, à direita, como fizeram com outras famílias do ramo. Irmão Sasud, membro há mais de vinte anos, era fazendeiro até há seis anos, quando uma mordida de aranha deixou-o cego.

depois, do Distrito Khon Kaen; e, em 1990, uma viagem aérea com a família e outros santos tailandeses ao Templo de Manila Filipinas.

“Nossa viagem a Manila foi um marco na história da Igreja na Tailândia. Éramos cerca de duzentos. Estávamos muito emocionados”, conta ele. “Planejamos a viagem durante muito tempo. Era muito cara, cerca de US\$350,00 por pessoa. Todos trabalharam muito para conseguir o dinheiro. Até nossa filha Kerasin, de dez anos, ganhou um pouco de dinheiro vendendo carvão para cozinha. Foi para nós uma ocasião especial.”

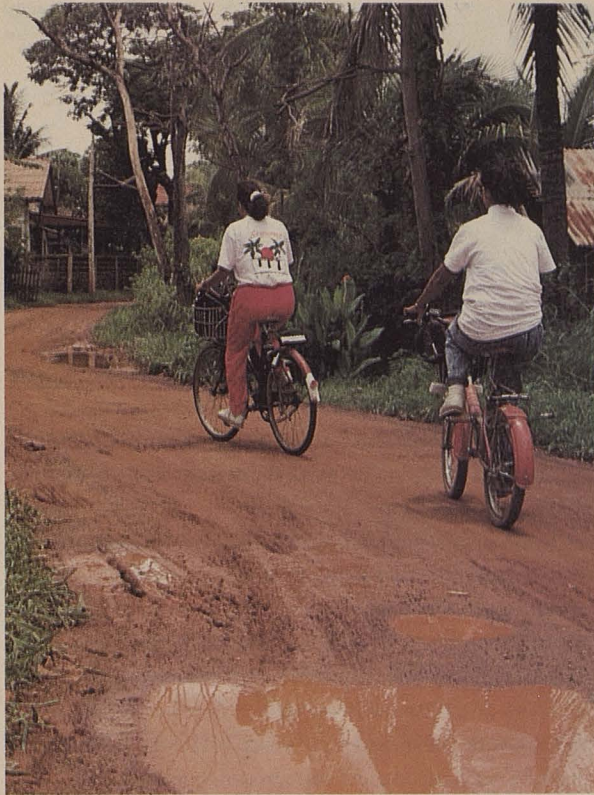
Ao lado das bênçãos, porém, a vida para os Pitakpongs também teve seus desafios. Há cerca de sete anos, o Presidente Pitakpong estava fora, a negócios, quando um ladrão invadiu sua casa, golpeou irmã Pitakpong com uma chave inglesa e roubou um colar de ouro que ela estava usando. “Meu filho, Wuthikrai, foi ajudar a mãe e também foi atingido, assim como minha sogra. O homem fugiu quando minha filha gritou, pedindo socorro.

Minha mulher teve de ser hospitalizada e ainda sofre de fortes dores de cabeça, o que dificulta sua concentração.”

A família, porém, encontra conforto vivendo o evangelho de Jesus Cristo. “O selamento no templo trouxe para nossa família um espírito único”, diz o Presidente Pitakpong. “Fortaleceu nosso testemunho individual. Atualmente, não só nosso filho de dezesseis anos deseja ir para a missão, mas também suas duas irmãs mais novas.”

Ao falar dos dois mil membros pertencentes aos nove ramos que preside, o Presidente Pitakpong diz que muitos são extremamente pobres. “Em algumas famílias, há apenas uma pessoa trabalhando, e nem sempre ela tem um emprego fixo. Algumas famílias mal têm o suficiente para subsistir. Em algumas, só um dos cônjuges é membro da Igreja. Seja qual for a situação, porém, os membros têm muita fé e são ativos na Igreja. Eles vão para as reuniões a pé, de ônibus ou bicicleta — seja qual for a distância entre suas casas e a Igreja.”

Às vezes, pessoas de fora assistem às reuniões da



Missionárias percorrem de bicicleta as estradas de terra vermelha das cercanias de Udorn, no dia de preparação.

Igreja, e algumas que ouviram a mensagem do evangelho gostariam de filiar-se a ela, diz o Presidente Pitakpong. “A tradição religiosa dos pais ou famílias, porém, impede-os de fazê-lo. Pessoalmente, eu não me preocupava com a tradição. Sabia que a Igreja era verdadeira e desejava ser batizado.”

Atualmente, em sua vida diária e presidindo o Distrito Khon Kaen, o Presidente Pitakpong gosta de usar o Livro de Mórmon como guia. “Aplico, com freqüência, as lições que aprendo no Livro de Mórmon.”

NECESSIDADE DE PARTILHAR O EVANGELHO

O Livro de Mórmon foi um meio de apresentar a Igreja a Wannipha Thongchalern. Tendo inicialmente conhecido o cristianismo por intermédio de um soldado norte-americano, ela recebeu de um amigo um exemplar do Livro de Mórmon, após o que foi visitada pelos missionários de tempo integral. “Aprender o evangelho foi, para mim, uma experiência feliz”, diz ela. “Os

missionários me visitavam de dois em dois dias, e eu tomava nota do que eles me diziam. Cada vez que voltavam, eu lhes repetia a lição anterior. Fui batizada em 1976.”

Irmã Thongchalern casou-se com um não-membro, cujo trabalho exigia que viajasse muito. Depois de cinco anos de casamento, eles se divorciaram. Antes do divórcio, a irmã Thongchalern começara a estudar enfermagem, profissão que ainda exerce em um dos hospitais da cidade. Três anos depois do divórcio, casou-se com Anan, que se batizara em 1981. O casal e os dois filhos, Ariza, de 4 anos, e Aachanoon, de 3, faziam parte do grupo que foi ao Templo de Manila.

“Quando voltei do templo, senti grande necessidade de partilhar o evangelho com os outros. Decidi que tentaria trazer pelo menos outras dez pessoas para a Igreja, meta que consegui depois de dois anos.”

A irmã Thongchalern, que ensina no seminário, Escola Dominical e Sociedade de Socorro, dá grande valor ao seu testemunho. “Sinto que, aconteça o que acontecer, ninguém me pode tirar o testemunho de Jesus Cristo.”

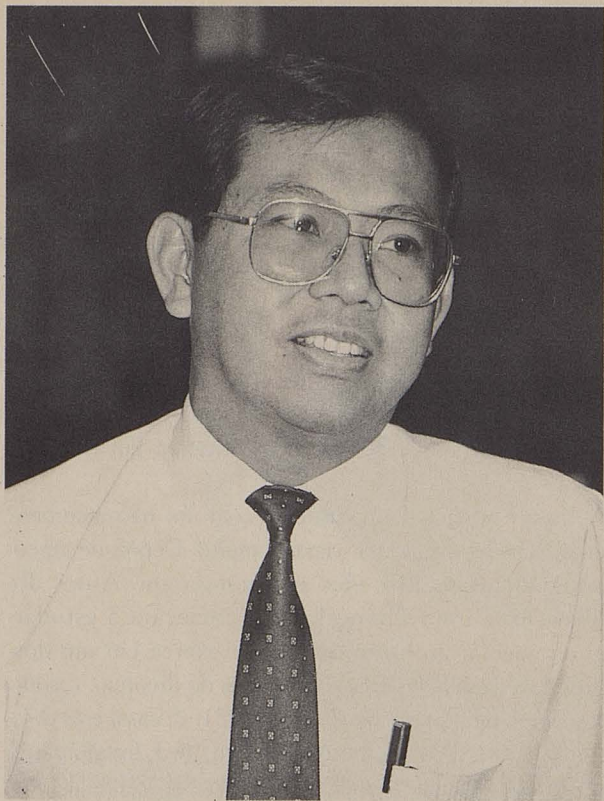
Os Thongchalerns vivem numa casa de vários andares, em Udorn — casa que será completamente terminada por irmão Thongchalern “algum dia”.

FORÇA NOS PRINCÍPIOS DO EVANGELHO

Em contraste com a grande casa dos Thongchalerns, vemos a simples moradia de madeira de Boonthom e Suwan Pamangkata, e sua filha Suchita, de seis anos.

O irmão Pamangkata ganha a vida com dificuldade, conduzindo uma espécie de riquixá, um triciclo que transporta passageiros. Trabalha cerca de dez horas por dia e gostaria de trabalhar mais, mas sua visão é prejudicada à noite, por causa de cataratas que se desenvolveram nos dois olhos.

A irmã Pamangkata suplementa a renda familiar, cozinhando e fazendo faxina para outras pessoas e também vendendo seus belos artigos de crochê.



Anan Eldredge, o primeiro homem a ser convertido na Tailândia, ajudou a Igreja a crescer em sua terra natal.

O irmão Pamangkata estudou o cristianismo quando era jovem, mas não havia nenhuma igreja à qual se filiar. Quando já era casado, encontrou os missionários SUD, que reacenderam seu interesse pelo Salvador. Irmã Pamangkata ficou impressionada com a mensagem do evangelho, mas relutou em ser batizada. “Antes, porém, que meu marido fosse batizado, começou a praticar a Palavra de Sabedoria. Isto o ajudou a vencer o fumo e a bebida, que consumiam grande parte de nossos ganhos. Ver o que o evangelho realizara em sua vida ajudou-me a desenvolver o testemunho, e fui batizada. Hoje, encontro diariamente força nos princípios do evangelho.”

“ASSUMI UM COMPROMISSO”

Quatrocentos e cinquenta quilômetros a noroeste de Udorn, em Chiang Mai, os trabalhadores estão instalando uma fonte nos jardins bem cuidados de uma casa espaçosa e moderna. Três crianças observam atentamente. São elas Atikun, de 13 anos, Punjaree, de 8, e Nathanon, de 6. Sua mãe, Datchanee Limsukhon, é

o único membro de sua família. O marido, um neurologista, não faz objeção a que ela seja membro da Igreja, mas, às vezes, ela tem que organizar sua participação na Igreja de modo a atender às necessidades da família.

O primeiro contato de irmã Limsukhon com a Igreja se deu quando era jovem e ouviu membros do ramo cantando em uma sala alugada em Bancoc. Gostou do que ouviu e desejou filiar-se “àquela igreja”, para que pudesse cantar com os outros membros. Acreditou nas palestras dos missionários, mas a família recusou-lhe, inicialmente, permissão para ser batizada. “Desejava, contudo, ser batizada, e o fui, em novembro de 1969.”

Em janeiro de 1970, ela voltou para casa em Chiang Mai, e obteve um diploma em enfermagem na universidade local. Foi, então, para a Missão de Treinamento das Línguas da Igreja, no Havaí, onde ensinou o tailandês durante quatro meses, antes de ser chamada para uma missão. Ao terminar a missão em Bancoc, teve a oportunidade de ir aos Estados Unidos para aperfeiçoar-se em enfermagem, em Utah e no Texas. Foi, então, para a Inglaterra, para casar-se com seu noivo tailandês, que estava estudando lá.

Quando o marido terminou os estudos, voltaram para Chiang Mai, onde ele está clinicando como neurologista.

“Visto que sou o único membro da Igreja na família, os padrões da Igreja são extremamente importantes para mim”, diz a irmã Limsukhon. “Assumi o compromisso de vivê-los.”

“ENCONTREI AS RESPOSTAS”

Quando a irmã Limsukhon estava morando em Chiang Mai, logo após seu batismo, um dos missionários de tempo integral era Anan Eldredge. Irmão Eldredge é membro da Igreja há quase tanto tempo quanto a Igreja está na Tailândia.

Nascido como Anan Tubtimta, ele morava em uma pequena aldeia quinhentos quilômetros ao norte de Bancoc. Quando estava com oito anos, morreu-lhe a

mãe — deixando-o cheio de perguntas sobre a vida e a morte. Ao procurar as respostas a essas perguntas procurou também aprimorar sua educação, tornando-se um dos melhores alunos do curso secundário.

Quando tinha dezesseis anos, saí de casa e fui para Bancoc, onde trabalhei como ajudante de garçom em um hotel”, conta ele. Lá se tornou amigo do filho adolescente de um funcionário do Departamento de Estado norte-americano, Louis Eldredge. Louis e a esposa, June, eram santos dos últimos dias. Quando os Eldredges foram designados para uma importante instalação militar, na Tailândia, convidaram Anan para ir com eles.

Conheci dois soldados SUD que conversaram comigo sobre o evangelho. Por intermédio deles encontrei respostas para minhas perguntas sobre a vida e a morte. Descobri quem sou, de onde vim e para onde vou.”

Anan foi batizado no dia 24 de dezembro de 1967, sendo o primeiro homem tailandês a ser convertido na Tailândia. No ano seguinte, quando os seis primeiros missionários de tempo integral foram designados para a Tailândia, Anan tornou-se seu companheiro constante, ensinando-lhes a língua e ajudando-os a traduzir os folhetos da Igreja.

Os Eldredges ofereceram-se para adotar Anan e enviaram-no para uma faculdade nos Estados Unidos. Embora isto significasse perder seu nome de família, o pai de Anan, um respeitável diretor de escola, encorajou-o a aceitar a oferta dos Eldredges.

Nem bem Anan chegara aos Estados Unidos, porém, foi chamado para cumprir missão na Tailândia. Depois de uma missão de trinta meses, voltou para os Estados Unidos e matriculou-se numa faculdade da Califórnia. Lá, conheceu uma formanda da Universidade Brigham Young, a inglesa Margaret Brown, que se convertera na Inglaterra. Os jovens casaram-se cinco meses depois, no Templo de Los Angeles.

“Depois de minha formatura em Administração de Empresas, Margaret e eu fomos para a Tailândia, a fim de que ela conhecesse minha família. Durante essa visita fui

contratado para estabelecer o escritório de distribuição de área da Igreja.”

Enquanto ali trabalhava, ele ajudou a fazer uma revisão do Livro de Mórmon em tailandês, auxiliando também na tradução e publicação de Doutrina e Convênios e da Pérola de Grande Valor naquela língua.

Depois de trabalhar durante cinco anos no Centro de Distribuição da Igreja, Anan e Margaret voltaram para os Estados Unidos, onde ele continuou seus estudos de gemologia que havia iniciado na Tailândia. Mais tarde, instalou uma joalheria na Cidade de Kansas, e depois uma loja em Anchorage, no Alasca.

Quando lhe perguntam como é que um tailandês, casado com uma inglesa, decidiu morar no Alasca, ele responde, brincando: Gosto de pescar lá”.

Anan, Margaret e sua família de três filhos e duas filhas deveriam tornar-se pescadores de homens. Em 1988, Anan foi chamado para presidir a Missão Tailandesa. (Antes de completar seu termo como presidente de missão em 1991, ele recebeu o novo casal missionário dos Estados Unidos — Louis e June Eldredge.)

Sob a liderança do Presidente Anan Eldredge, o número de membros da Igreja na Tailândia apresentou um aumento constante. Ele enfatizava freqüentemente a necessidade de os membros integrarem e reterem os novos conversos, assim como reativarem os menos ativos. Seus olhos estão voltados para o dia em que será criada a primeira estaca na Tailândia.

Esse dia pode chegar em breve e, quando isto acontecer, será em cumprimento de uma profecia.

Em sua oração dedicatória em 1966, o Élder Gordon B. Hinckley designou a Tailândia como um refúgio de paz duradoura. Na ocasião, as nações vizinhas estavam empenhadas em guerras intensas. Élder Hinckley disse: “Dedicamos esta terra da Tailândia . . . à pregação do evangelho eterno. Oramos para que o Espírito repouse sobre esta terra e sobre esta nação, para que haja muitos, Pai, sim, milhares e dezenas de milhares, que darão ouvido à mensagem”. □



PINTURA, ALMA E AMULEQUE NA PRISÃO, DE GARY L. KAPP; FOTOGRAFIA DE WELDEN ANDERSEN



ELE SE TORNOU REAL



Morgan D. Westerman

Era noite, e o barulho costumeiro do Centro de Treinamento Missionário já se acalmara. Aconcheguei-me mais no cobertor em que me havia enrolado e continuei a ler.

Eu tinha que pôr a leitura em dia. Para alcançar minha meta, teria que acabar de ler os dois terços do livro que faltavam, até o fim da semana. Foi um desafio que animadamente aceitei, embora já tivesse lido o Livro de Mórmon anteriormente. Meu exemplar estava bem marcado, e reconhecia cada uma das histórias que lia. As mensagens, porém, nunca haviam sido tão significativas quanto agora. Talvez fosse por isso que o presidente do CTM nos desafiara a ler o Livro de Mórmon durante as três semanas em que ali permaneceríamos em treinamento.

Li durante bastante tempo. Quanto mais eu lia, naquela noite silenciosa, mais as histórias se tornavam reais para mim. Estava quase surpreso com o poder fascinante do livro que agora descobria. Ele me encantava. Senti que o Livro de Mórmon me falava diretamente, e agora conseguia ouvir como nunca havia feito antes.

Estava no livro de Alma, redescobrimo a história de como ele e Amuleque se livraram de seus inimigos quando o poder de Deus derrubou as paredes da prisão em que se encontravam. O que ocorreu antes de serem presos é que teve um efeito poderoso sobre mim. Li como algumas das pessoas de coração mais brando acreditaram

em suas palavras e começaram a orar a Deus, pedindo-lhe perdão. A maioria do povo, porém, rejeitara tudo que lhes fora ensinado. Os incrédulos, que eram hostis, amarraram Alma e Amuleque e planejaram matá-los, assim como a todos os que aceitaram seus ensinamentos e creram neles. Todos os homens que creram foram afastados do meio deles e apedrejados, além de cuspirem neles. Então, os homens iníquos pegaram as esposas e filhos dos que creram, e também Alma e Amuleque, e atiraram-nos ao fogo.

Ao ler, pude ver e sentir toda a cena. Vi os homens iníquos atarem Alma e Amuleque e obrigarem-nos a assistir ao que estava acontecendo. Queimaram suas escrituras, tentando destruir a palavra de Deus que haviam rejeitado. Então, sem sentir vergonha ou empatia, pegaram as mulheres e crianças que choravam e, uma a uma, atiraram-nas na fogueira mortal.

Ali estava eu, com o Livro de Mórmon, o coração literalmente ardendo de solidariedade. Penso que compreendi um pouco o que Alma e Amuleque devem ter sentido ao assistirem à morte dos mártires, pois assistira à mesma cena ao ler, e sabia que realmente havia acontecido. E, por ter certeza de que a narração era verdadeira, senti e, finalmente, compreendi que o livro que lia era verdadeiro. Escorreram-me lágrimas dos olhos recém-abertos, ao compreender que eu deixara de apreciar a verdade durante tanto tempo. Agora, porém, obtivera um testemunho. Embora antes acreditasse,

agora eu tinha a certeza.

Com o rosto molhado de lágrimas, levantei os olhos do Livro de Mórmon e focalizei-os na neve que caía do lado de fora. Eu não sentia mais frio. Um calor indescrevível me envolvia completamente. Nunca me senti tão inspirado a orar como naquele momento. Ajoelhei-me e fiz uma oração sincera de agradecimento. Perdi a conta do tempo ao ajoelhar-me e abrir a alma em gratidão. Minhas lágrimas rolavam sem que eu sentisse vergonha, enquanto agradecia ao Pai Celestial por me

dar o Livro de Mórmon, e pelo testemunho forte, embora tranqüilo, que recebera de que ele era verdadeiro.

Agora, cada vez que leio as narrativas do jovem Néfi ou do velho Rei Benjamim, de Samuel, o Lamanita, ou de Alma, o grande missionário, aqueles sentimentos voltam com força e clareza. Alegria e luz dilatam-me o coração repetidamente quando leio, e lágrimas me afloram aos olhos quando me lembro daquela noite de inverno no Centro de Treinamento Missionário. □

APLICAI-AS A VÓS

Envolvei-vos mais intensamente nas escrituras. Encontrareis narrativas que vos maravilharão e inspirarão. Descobrirei também respostas para vossas maiores perguntas. Aqui estão algumas sugestões para ajudar-vos, enquanto ledes:

Lede quando estiverdes acordados e alertas. Sentindo-vos sonolentos ao ler, mudai o horário de leitura.

Lede com outra pessoa. Algumas vezes é agradável partilhar uma experiência. Cada um lê um trecho, em voz alta. Fazei-o com amigos, irmãos ou um dos pais.

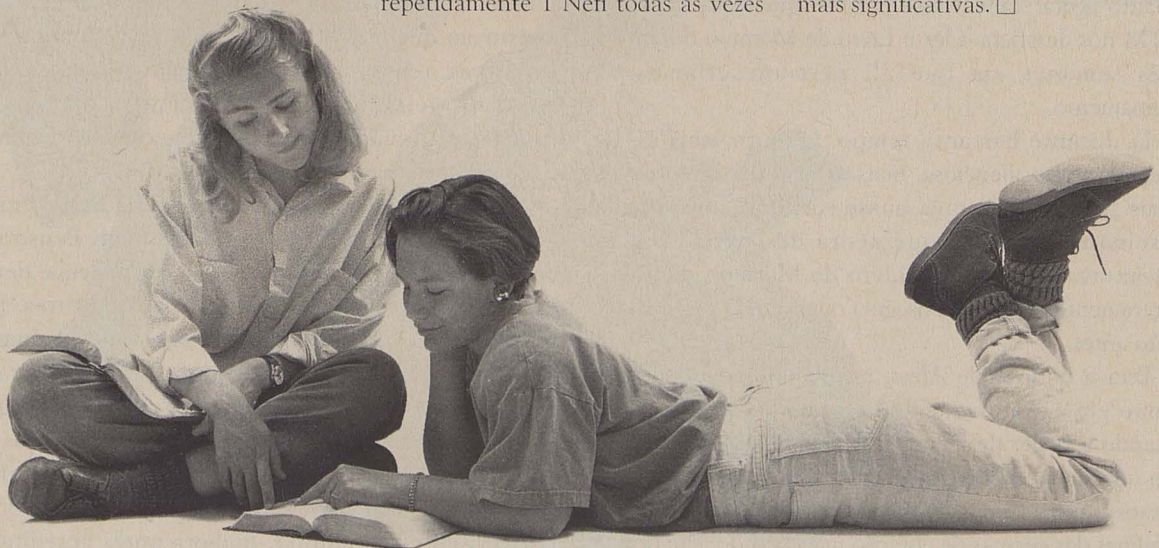
Usai auxílios didáticos. Solicitai ao vosso professor ou aos pais que sugiram alguns livros para serem lidos juntamente com as escrituras.

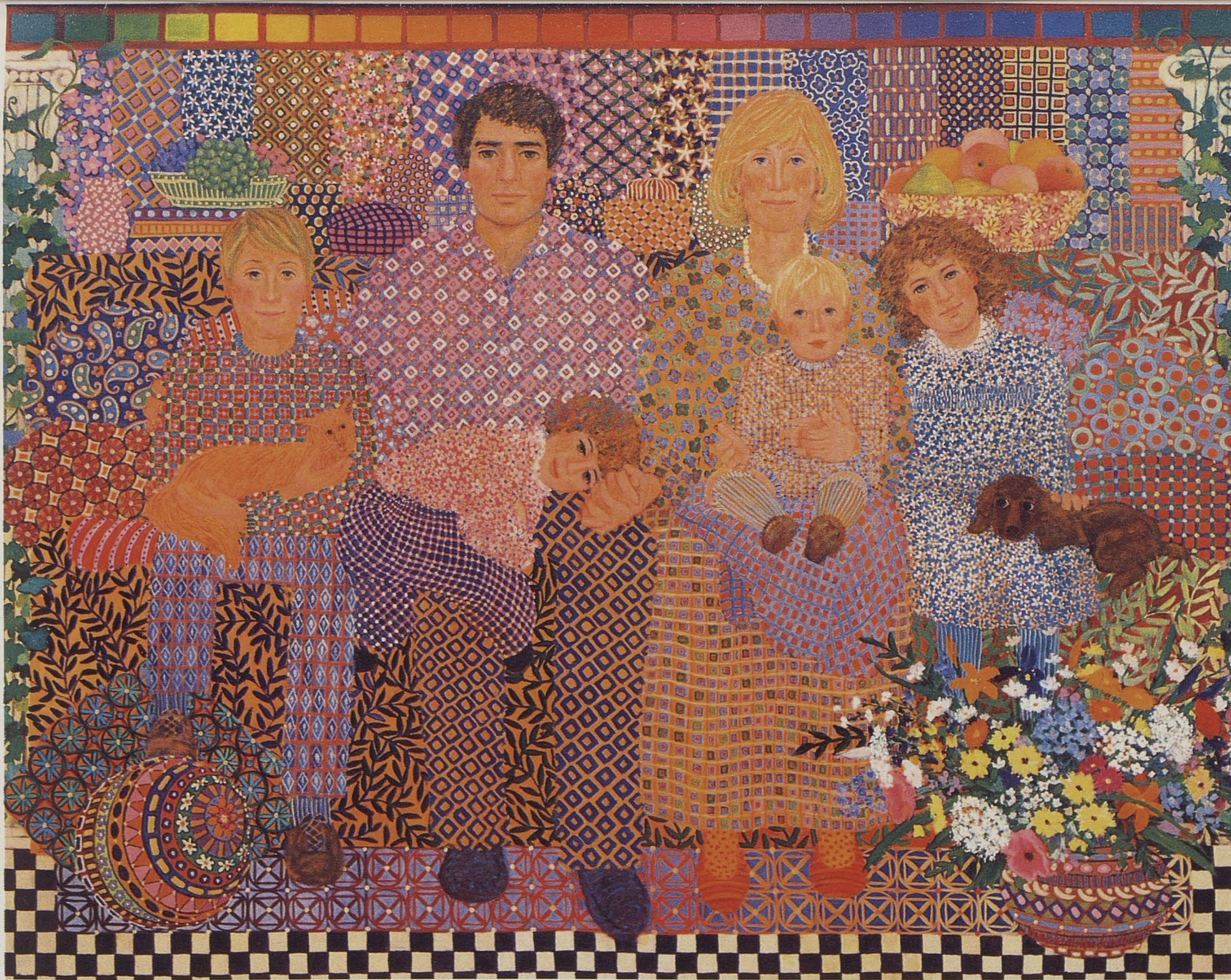
Não comeceis sempre no começo. Por exemplo, se continuardes a ler repetidamente 1 Néfi todas as vezes

que resolverdes ler as escrituras, tentai começar em 3 Néfi, onde Cristo aparece no continente americano.

Lede versões infantis das histórias das escrituras. Depois, lede as mesmas histórias na versão original.

Usai a imaginação. Tentai projetar os acontecimentos em vossa mente, quando lerdes. Imaginai-vos no local, e as escrituras se tornarão mais significativas. □





Herança, de Jean Leighton Lundberg Clark, Provo, Utah.

As cores exuberantes e a ausência de sombras nesta pintura a óleo (1990), simbolizam a luz da verdade que pode prevalecer na família, unidade básica da Igreja.



“Que figura magnífica, que pessoa nobre é o homem que foi ordenado ao sacerdócio que é chamado Melquisedeque, . . . que anda com dignidade, porém, com humildade perante seu Deus . . . Tal homem não tem nada de que se envergonhar.” (Vide Presidente Gordon B. Hinckley, “Somente pelo Princípio de Retidão,” páginas 20–23.)

